



UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
LETRAS: PORTUGUÊS E INGLÊS

AYRTON VINÍCIUS HERMENEGILDO DA SILVA

ANÁLISE DO DISCURSO DE TEXTOS DE GABRIEL O PENSADOR

CAMPO GRANDE

2020



UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
LETRAS: PORTUGUÊS E INGLÊS

AYRTON VINÍCIUS HERMENEGILDO DA SILVA

ANÁLISE DO DISCURSO DE TEXTOS DE GABRIEL O PENSADOR

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Letras da Universidade
Católica Dom Bosco (UCDB) como pré-requisito
para obtenção do título de Licenciado(a) em Letras

Orientadora: Professora Neli Porto Soares Betoni
Escobar Naban

CAMPO GRANDE

2020

FOLHA DE APROVAÇÃO

AYRTON VINÍCIUS HERMENEGILDO DA SILVA

ANÁLISE DO DISCURSO DE TEXTOS DE GABRIEL O PENSADOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) para obtenção do título de licenciatura em Letras.

Aprovado (a) em: ____/____/____.

Banca Examinadora

Profª. Ma. Neli Porto S. B. Escobar Naban

Prof.

Prof.:

Assinatura:

Assinatura:

Assinatura:

À minha mãe Lucimar, ao meu pai Alguimar, à
minha irmã Inah, ao meu irmão Henrique e à minha
afilhada Eloah.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Lucimar pela criação, cuidado e carinho, tudo o que eu faço é na esperança de retribuir um dia ao menos um pouco tudo que fizestes por mim, “meu amor pela senhora é brilhante num cofre, enquanto eu viver a senhora nunca mais sofre”..

Ao meu pai Alguimar, meu herói, pela criação, carinho e amor incondicional, o seu companheirismo na vida é minha alegria e satisfação.

À minha irmã Ináh Inarê, luz do meu caminho, meu orgulho e inspiração, minha amiga e apoiadora, sem quem eu nada seria.

Ao meu amor Henrique Pereira, meu exemplo de fé, força e coragem.

À minha avó Eunice, que não costurou só roupa, teve que costurar o mundo.

Aos meus avós, Manoel, Ayrton e Ana meus protetores e anjos neste mundo.

Aos meus padrinhos que me protegem e zelam por mim.

Às amizades que tive a oportunidade de cultivar e que, para minha mais completa felicidade, se citadas individualmente esgotariam as páginas disponíveis neste projeto.

À minha orientadora professora Neli Porto Soares pela paciência e dedicação, e às professoras Ângela e Luíza pelo carinho e ensinamentos.

A todos os meus colegas de curso que me acompanharam durante esta jornada e que levarei no coração.

A todos os que contribuíram para a realização deste trabalho.

Minha ilimitada e sincera gratidão.

“A educação é um elemento importante na luta pelos direitos humanos. É o meio para ajudar os nossos filhos e as pessoas a redescobrirem a sua identidade e, assim, aumentar o seu autorrespeito. Educação é o nosso passaporte para o futuro, pois o amanhã só pertence ao povo que prepara o hoje.”

El-Hajj Malik El-Shabazz.

RESUMO: Esta monografia *Análise do Discurso de Textos de Gabriel O Pensador* é produto de uma pesquisa qualitativa de viés bibliográfico cujo objeto é o discurso do músico Gabriel Contino, de nome artístico “Gabriel, O Pensador”. O interesse na obra do artista se dá por conta da grande influência no meio social e artístico. O objetivo principal é proceder a análise formal do discurso do músico e as marcas de intencionalidade explícitas e implícitas nas músicas analisadas, entendendo os elementos que compõem os enunciados e compreendendo seu uso na construção discursiva do artista. Por meio do postulado pecheutiano da análise do discurso, se busca encontrar o sujeito, as ideologias e as relações sociais inseridas nos textos do músico. Para isso, utiliza-se o embasamento teórico principalmente de Pechêux (1997,2015), Authier-Revuz (2004) e Foucault (1971,1996,2009). No âmbito da análise do Discurso no Brasil, é imperioso destacar o trabalho de Orlandi(2015) que abriu caminhos ao trazer os conceitos de toda a teoria pecheutiana e explicitar sua existência na confluência da linguística, do marxismo e da psicanálise. A busca é por compreender a língua dando atenção os contextos socioculturais, as instituições e as ideologias dominantes. Como resultado se explicita por meio da teoria da análise do discurso, as ideologias e práticas discursivas do musicista. O corpus compreende 3 músicas do artista.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Sujeito. Ideologia. Gabriel o Pensador.

Sumário

.....	INTRODUÇÃO	
.....		9
.....	1. A ORIGEM DA ANÁLISE DO	
DISCURSO		11
.....	2. O	
DISCURSO		22
2.1 IDEOLOGIA		23
2.2 ENUNCIACÃO		23
2.3 A ANÁLISE DE DISCURSO INGLESA		34
2.4 SISTEMAS DE ANÁLISE DO DISCURSO		36
.....	3. BIOGRAFIA GABRIEL	
CONTINO		44
.....	4. ANÁLISE DO	
CORPUS		47
4.1 ANÁLISE DA MÚSICA ATÉ QUANDO		48
4.2 ANÁLISE DA MÚSICA RACISMO É BURRICE		53
4.3 ANÁLISE DE ESTUDO ERRADO		57
4.4 TEMÁTICAS TEXTUAIS		62
.....	5.	
Considerações		64
.....	Referências	
Bibliográficas		66
.....	ANEXO	
.....		69

INTRODUÇÃO

O rapper Gabriel, o Pensador é um dos músicos mais influentes na música brasileira, tendo recebido diversos títulos e premiações nacionais e internacionais. No entanto, apesar da constante presença do artista na mídia e sua influência no rap brasileiro, observa-se uma lacuna no que se relaciona ao estudo do discurso do rapper.

Suas músicas geraram intenso debate e variadas polêmicas no meio social brasileiro, sendo até mesmo censuradas pelo governo brasileiro. Em razão da capacidade polarizadora e as múltiplas críticas é que interessa compreender com mais profundidade a discursividade do artista.

O movimento hip hop e o estilo musical do rap ao qual Gabriel o Pensador se filia é uma cultura que surge e se dissemina nas periferias. Sendo assim, o estilo é muitas vezes encarado socialmente como sendo associado à criminalidade e rebeldia. Nesta seara, a maioria dos artistas do estilo são negros e oriundos das regiões marginalizadas brasileiras e usa o rap para relatar suas vivências em ambientes marginalizados pelo Estado.

Nesta perspectiva, Gabriel o Pensador se diferencia dentro do movimento. Sua criação em um ambiente de classe média alta e vivência como homem branco certamente imprimem marcas em seu discurso. O estudo também se interessa em investigar e esclarecer essas marcas ideológicas.

A partir desta perspectiva, o trabalho a ser apresentado pretende dar uma leitura discursiva a obras do autor. Levando em consideração a circulação das músicas do autor e seu locus na sociedade, é imperativo analisar a forma como os discursos são construídos e se espalham e reproduzem.

Nesse intuito, com o propósito de circunscrever o objeto de estudo, com base no referencial teórico adotado, questionamos como estes materiais são produzidos por discursos, os quais assumimos pensando a leitura e interpretação, a partir da perspectiva da Análise de Discurso em linha francesa, a qual detém-se a estudar a língua enquanto aquela que gera e produz sentidos. Isso significa compreender o discurso como mediador de ações organizadoras da realidade, exercendo, assim, um papel social constituidor nas instituições, na relação e formação dos sujeitos.

Em razão do propósito de circunscrever o objeto de estudo, com base no referencial teórico adotado, procura-se compreender como estes materiais se concretizam no mundo, por meio da Análise de Discurso. O ideal é obter a compreensão de como o discurso do autor age como mediador de ações organizadoras da realidade e seu papel social nas instituições, na relação e interlocução com os sujeitos.

Isso significa pensar a leitura das músicas por intermédio da criticidade, indo além das formas mecanizadas e sistemáticas. Persegue-se o objetivo de entender o discurso em relação aos sistemas técnicos estabelecidos, com atenção à atribuição de sentidos, historicidade e as relações com a sociedade.

A Análise do Discurso é instrumento mais apropriado para a elucidação proposta. O entendimento das práticas humanas constitui um recurso dominante na possibilidade de uma análise adequada e aprofundada do discurso.

O estudo busca analisar a ideologia presente nos discursos e a postura artística perante a sociedade atual. A investigação tem o intuito de identificar as ideologias adjacentes ao discurso de Gabriel, o Pensador e as formações sociais e institucionais que permeiam o discurso do artista.

A abordagem qualitativa se mostra a mais adequada para a realização do objetivo proposto; o que se pretende é apresentar as relações discursivas de sujeito e ideologia nas músicas do rapper e não simplesmente quantificar. A modalidade da pesquisa é descritiva pois a análise do corpus dissecará o sentido como o indivíduo se constitui por meio da discursividade e a ideologia que predomina em seu discurso.

O corpus foi elencado levando como critério a popularidade dos discursos e sua circulação, além da representatividade dentro da obra do artista.

Neste sentido, o primeiro capítulo é dedicado a fazer uma apresentação do percurso histórico da análise do discurso, com suas diversas abordagens diferentes, com o intuito de entender sua formação, objetivos e necessidades.

No segundo capítulo, são apresentados os principais conceitos da Análise do Discurso e que serão usados em nosso estudo para dissecar o corpus selecionado.

O terceiro capítulo dedica-se a apresentar de forma sucinta a biografia do artista. O quarto capítulo esclarece os critérios de seleção do *corpus* e realiza

a análise discursiva das músicas selecionadas, em subsunção aos procedimentos teóricos apontados anteriormente.

1. A ORIGEM DA ANÁLISE DO DISCURSO

A humanidade se ocupa do estudo da linguagem por séculos e pelas mais variadas razões. Diversas lendas, mitos e ritos de diferentes culturas, mostram que o ser humano sempre se preocupou em entender e estudar a linguagem.

Têm-se muitos exemplos destes mitos. O mito da Torre de Babel é o mais conhecido no Ocidente. A Bíblia Hebraica narra que Adão e Eva originaram a linguagem. Após o término da Criação, Deus chamou Adão para que nomeasse os outros animais. Tempos depois, após o grande dilúvio, a humanidade falava uma única língua uniforme e os homens combinam de construir uma grande torre que alcançaria os céus. Javé se enfurece com a arrogância humana e os pune fazendo com que cada um fale uma língua, o que causa confusão e impossibilita a construção da torre. Após isso, estes homens se espalham pelo mundo e dão origem as diversas línguas faladas.

Este é apenas um resumo de um, dentre muitos mitos que explicam a origem da linguagem nas culturas antigas. Percebe-se, então, a preocupação humana em entender a linguagem. As linguagens sempre representaram objeto de interesse do ser humano. Em muitas culturas a linguagem agia como símbolo de poder. Ao observar novamente a bíblia hebraica pode-se perceber que o mundo surgiu de um comando de fala: “Faça-se a luz!”. É evidente a atração por compreender a linguagem no mundo antigo.

O primeiro registro que se tem de um estudo sistematizado da linguagem data do século V a.C., quando os hindus descreveram sua própria linguagem com o intuito de preservar os textos sagrados contra falsificações. O gramático Panini registrou de forma minuciosa a língua falada por seu povo. Estes textos foram redescobertos no século XVIII e foram o motivo de grande interesse de linguistas e filólogos.

Na Grécia Antiga, os estudos linguísticos floresceram intimamente ligados à filosofia. Os gregos deste período já reconheciam a diferença entre as línguas e as suas próprias variantes dialetais, por conta do intenso comércio entre os povos. As línguas faladas pelos outros povos eram consideradas línguas bárbaras.

A questão fundamental que se põe em seus estudos é identificar se a estruturação fônica da língua estaria ligada ao seu significado. Eles investigaram se a

língua é mera convenção humana ou existe da natureza. Analogistas, como Platão e Demócrito, defendiam a convencionalidade da língua e os anomalistas como Crátilo apontavam uma naturalidade mimética entre a expressão e o objeto. Os gregos antigos também tiveram muito interesse em desenvolver o estudo da gramática. Este estudo tinha um grande caráter filosófico.

Os romanos encontraram seu modelo gramatical e de estudos linguísticos no que fora anteriormente desenvolvido pelos gregos. A diferença se baseia no fato de que em Roma os estudos da gramática começam a seguir moldes mais normativos e menos filosóficos.

A polêmica entre analogistas e anomalistas persiste em Roma. Tem-se a divisão entre morfologia, sintaxe e etimologia feita por Varrão. A grande expansão do Império Romano difundiu sua cultura e a língua latina por um extenso território e sob diferentes povos. Deriva dos romanos uma gramática que se preocupa em descrever a língua dos grandes escritores, a “língua correta” e não a língua falada pelo povo. Este conceito é forte até os dias atuais no que se chama de gramáticas normativas.

Após a desintegração do Império Romano do Ocidente, inicia-se a Idade Média. Nesse período, os estudos linguísticos centram-se na gramática e na semântica. Persiste ainda a controvérsia entre os naturalistas e convencionalistas e tem-se o desenvolvimento dos modistas que vão em busca de uma teoria geral da linguagem que seja universal. Com o renascimento cresce o interesse do estudo gramatical dos idiomas modernos.

Considera-se o ano de 1786 como o ano inicial da linguística contemporânea. Isto por que, foi neste ano que William Jones apresentou uma comunicação para relatar a similaridade do sânscrito com o latim e o grego. A partir de seu relato, lançaram-se as bases para os estudos linguísticos comparativistas. O método comparativo tem como base que línguas aparentadas teriam similaridades em suas estruturas e gramáticas.

Por meio da comparação seria possível identificar essas aproximações e classificar as línguas de acordo com sua proximidade. Alguns comparativistas defendiam a existência de uma “língua ideal”, da qual tentavam se reaproximar.

Wilhelm Von Humboldt é o primeiro linguista a considerar a linguagem humana como um sistema governado por regras. Em seu sistema, a linguagem não é o simples produto observável da fala ou escrita, mas a capacidade viva que os falantes possuem de produzir e entender enunciados.

August Scheleicher, dá uma orientação naturalista aos estudos linguistas comparativistas, propondo a língua como um organismo vivo, que nasce, se desenvolve, decai e morre.

Os neogramáticos criticam a concepção de Scheleicher sobre a língua como ser vivo. Em uma orientação subjetivista, é proposto que a língua não é autônoma, mas está intimamente ligada aos falantes. Esta torna-se a posição predominante. Dado o seu positivismo, os neogramáticos também abandonam a busca dos comparativistas pela “língua ideal”. Para eles, objetivo não é recuperar uma língua pura, mas estudar as línguas vivas e entender as variações linguísticas.

Percebe-se que até este ponto os estudos linguísticos existem como disciplina literária e auxiliar e não como ciência. Faltava a delimitação do objeto de estudo da linguística propriamente dito. O estudo da gramática não é científico, pois é uma disciplina simplesmente normativa.

É Ferdinand Saussure, linguista suíço, o responsável por sistematizar o estudo da linguagem e estabelecer os princípios científicos para a Linguística. A partir de seus trabalhos é que a Linguística ganha o status de ciência.

No entanto, é fundamental consignar que O Curso de Linguística Geral, obra que contém a maior parte dos fundamentos teóricos da ciência linguística, é resultado de uma redação póstuma feita por Charles Bally e Albert Schehaye. Interessados na obra de Saussure, os dois estudiosos recolheram e agruparam os cadernos de estudantes do linguista suíço e sistematizaram as ideias expostas.

Para Saussure, a Linguística é uma ciência empírica e social que tem por objeto a língua. A língua para Saussure é social, sendo comum a todos os seres humanos e servindo como o principal meio de comunicação humano. É necessário diferenciar a língua de linguagem. Linguagem é tudo aquilo que pode ser usado para transmitir determinada mensagem. A língua é um sistema de signos, somente uma parte da linguagem.

Do mesmo modo, não se pode confundir língua e fala. Isso porque, a língua é social, homogênea e constante. Em contraponto, a fala é individual, heterogênea e variável. Ambas são imprescindíveis para a comunicação.

Deve-se acrescentar que no contexto da época imperava uma preocupação diacrônica nos estudos linguísticos. Os linguistas centravam seus esforços em conceber a evolução da língua ao longo dos tempos, suas causas e reflexos. Saussure centra os estudos linguísticos de modo sincrônico.

Assim, o que interessa é compreender o modo com a língua funciona em determinado momento. Não se descartam os estudos diacrônicos, que são importantes e complementares aos estudos sincrônicos. No entanto, em uma perspectiva que busca um sistema regular e estável, são favoráveis os estudos sincrônicos.

Outro conceito importante da linguística saussuriana é o de signo linguístico. “O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica” (SAUSSURE, 2006, p. 80). O signo linguístico forma-se pelo significante e o significado. O significante é a imagem acústica, a expressão fônica que remete ao significado, a imagem mental que tem conceito semântico. O signo linguístico é arbitrário, imotivado e linear.

A partir das bases teóricas lançadas por Saussure, surge um grupo de linguistas denominados Estruturalistas. Essa escola de pensamento segue as proposições de Saussure e se propõe a estudar a língua dentro de si mesma. Utilizando as diversas dicotomias saussurianas, os estruturalistas estabelecem as bases teóricas da ciência linguística e esta corrente de pensamento predomina.

Existe uma grande pluralidade dentro do movimento estruturalista. Destaca-se a diferença marcante entre o estruturalismo europeu e o estruturalismo americano. O estruturalismo europeu segue os princípios da autonomia e de estrutura. Já o estruturalismo americano centra-se no princípio do indivíduo, da substância e da distribuição.

O Estruturalismo sofre várias críticas, principalmente em relação ao fato de excluir de seu estudo o sujeito, o mundo e a história. A abordagem estruturalista foca-se nos signos linguísticos e desconsidera as exterioridades que possam influir na

linguística. A sociedade e a história são excluídas pelos conceitos estruturalistas e a dicotomia língua/fala ostraciza o sujeito a uma condição subalterna.

Os princípios estruturalistas são especialmente criticados por linguistas interessados nas relações humanas, sociais e históricas. A delimitação estrita do objeto de estudo da linguística, permitiu que ela passasse a ser considerada ciência. No entanto, esta mesma delimitação excluiu diversos conceitos que vão ser objetos de contraposições e debates.

Nesse contexto, na década de 50, novos paradigmas são introduzidos para romper com o modelo estruturalista que era vigente. A Teoria da Comunicação de Roman Jakobson e a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, em conjunto com a obra *Discourse Analysis* são os principais fatores deste rompimento. Com base nestas teorias e obras o estudo da linguagem é redimensionado. (Melo, 2009)

Roman Jakobson amplia o objeto de estudo linguístico ao preocupar-se com a análise da função da linguagem e dos fatores de comunicação. Esta abordagem de estudos linguísticos é denominada comunicativista. Jakobson estabelece os fatores da comunicação e busca identificar as funções da linguagem baseado no contexto da comunicação. A abordagem comunicativista vai além da estruturalista, pois preocupa-se com o emissor, a mensagem, o receptor, o contexto e o código.

As funções da linguagem propostas por Jakobson derivam do fator específico no qual se centra a comunicação. Caso esteja centrada no referente tem-se a função referencial, uma linguagem que remete à determinada realidade contextual; se centrada no emissor trata-se de uma função emotiva; se centrada no receptor identifica-se uma linguagem de função conativa; a linguagem centrada na mensagem tem função poética que trabalha os signos e estruturas; caso focada no canal de comunicação diz-se uma mensagem fática; e, por fim, a mensagem pode ser metalinguística, nos casos em que foca-se no próprio código, como dicionários e gramáticas.

Apesar de ampliar o objeto de análise linguística em relação ao estruturalismo, a abordagem comunicativista ainda ignora as complexidades da subjetividade humana. Seu foco principal consiste em investigar e identificar funções da linguagem, no entanto mantém uma base que exclui o sujeito e a história. Por essa razão, persistem muitas críticas em relação a essa abordagem.

A pragmática é um ramo linguístico que se destaca na tentativa de recuperar dois excluídos do estruturalismo de Saussure: o mundo e o sujeito psicológico. A linguística pragmática entende que o contexto da comunicação é essencial para que se possa compreender o sentido.

Essa concepção busca descerrar a relação da linguagem com os objetos que ela representa. A pragmática nega-se a ignorar as exterioridades linguísticas. Para esse ramo linguístico, é essencial que se pense a respeito da situação da comunicação. No mesmo sentido, a pragmática considera as intenções do falante. O sujeito psicológico é objeto de análise. Assim, a linguística pragmática vai além do campo estritamente linguístico e ocupa-se com o contexto extralinguístico.

O linguista pragmático francês Émile Benveniste em sua obra mais famosa *Problèmes de Linguistique Générale* parte de conceitos estruturalistas para modificá-los e ultrapassá-los. A teoria da enunciação formulado por esse linguista tem como a noção de subjetividade. A enunciação para Benveniste é a passagem da língua à fala (Benveniste. 1974). A enunciação o ato de permite ao enunciador apropriar-se do conhecimento linguístico e utilizá-lo em um ato individual de fala.

A enunciação é vista como um processo, um ato pelo qual o locutor mobiliza a língua por sua própria conta. É o ato de apropriação da língua que introduz aquele que fala na sua fala. O produto desse ato é o enunciado, cujas características lingüísticas são determinadas pelas relações que se estabelecem entre o locutor e a língua. Assim, a enunciação é o fato do locutor, que se apropria da língua, e das características lingüísticas dessa relação. A enunciação converte a língua em discurso pelo emprego que o locutor faz dela. Desse modo, a língua se semantiza. Ao se apropriar individualmente do aparelho formal da língua, o locutor enuncia sua posição com marcas lingüísticas específicas. Como tal, ele implanta o outro, o alocutário, diante de si. Cada produção de discurso constitui um centro de referência interna. Nele emergem marcas de pessoa (relação eu-tu), de ostensão, de espaço e de tempo, em que eu é o centro da enunciação. É somente pela enunciação que certos signos passam a existir. É também pelo fato de que o locutor ou enunciador, ao se enunciar, influencia o comportamento do alocutário que tomam sentido as funções sintáticas: a asserção, a interrogação, a intimação e ainda algumas modalidades formais (modos verbais, desejo, etc.). No enunciado surge também o ele, a não pessoa, o qualquer um ou qualquer coisa de que se fala no discurso. (BARBISAN, 2007)

O estudioso russo Mikhail Bakhtin também apresenta um importante conceito de enunciação. Bakhtin é um filósofo da linguagem e a influência e importância de seus estudos chega até a atualidade. Seus trabalhos influenciam não só na área da Linguística e da Análise do Discurso, mas também na área da Filosofia, Literatura e Pedagogia. Por conta do contexto político global, suas obras só foram valorizadas e estudadas no Ocidente a partir da década de 90.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica e isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 1988, p. 123).

Bakhtin rejeita tanto o objetivismo de Saussure como o subjetivismo ideológico. Para o linguista russo, a língua não é um simples código tampouco é produto do exclusivo do indivíduo. Toda produção está inserida dentro de um contexto social amplo e complexo. Neste contexto a linguagem é dialógica e resulta da interação entre locutor e interlocutor.

Em sua obra, *Estética da Criação Verbal* (1992), ao tratar de gêneros de discurso, Bakhtin (1992, p. 279.) assim os define:

“Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em formas de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera da comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da

língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.”

O enunciado deve ser estudado tendo em consideração seu conteúdo, sua construção, seu estilo e o gênero no qual aparece. Por considerar o sujeito em sua dimensão histórica e social, Bakhtin vai além das demais pragmáticas.

A Análise do Discurso Francesa surge na década de 60, neste contexto de rupturas com Linguística Estrutural. Esta vertente da análise do Discurso considera que o Discurso é social e condicionado por condições históricas e sociais. Preocupa-se com a ação que o homem exerce sobre a língua, bem como com a influência da sociedade sobre o indivíduo, a ideologia, os conceitos de classe e a história.

O indivíduo não diz aquilo que quer, mas sim aquilo que foi condicionado social, cultural e ideologicamente para dizer. É este fato o principal diferencial em da Análise do Discurso em relação às pragmáticas.

Em suma, a AD rompe com a concepção de sentido como projeto de autor; com a de um sentido originário a ser descoberto; com a concepção de língua como expressão das ideias de um autor sobre as coisas; com a concepção de texto transparente, sem intertexto, sem sub-texto; com a noção de contexto cultural dado como se fosse uniforme. (POSSENTI, 2007, p. 360)

Michel Pêcheux publica em 1969 “Análise Automática do Discurso” que consolida as bases para o que se passa a denominar Análise do Discurso. Neste primeiro momento, os dois grandes nomes da Análise do Discurso são o lexicólogo Jean Dubois e o Filósofo Michel Pêcheux. Destaca-se a contribuição das áreas da psicanálise, linguística e do marxismo para a formação de um modelo de análise da linguagem que se preocupa com a interpretação dos discursos em relação ao contexto social em que são produzidos e na sua relação com a ideologia.

Importava à AD a investigação do modo como os indivíduos interagiam pela linguagem e a descrição das funções que formas lingüísticas realizavam em práticas discursivas específicas; normalmente institucionais e ligadas ao Estado. Essa vertente dos estudos discursivos enfocava a linguagem em seu uso concreto, como prática social, e contemplava a produção de sentido do discurso

como resultante do processo de interação social. O grande objetivo da AD era detectar os diferentes processos de reprodução social do poder hegemônico através da linguagem – a princípio muito ligado a políticas partidárias – e que a fez direcionar suas bases epistemológicas para um foco central – a idéia de que o sujeito não é dono de seu discurso, mas assujeitado por ele – constituído por meio de três pilares epistemológicos: - o aparelhamento social, estipulado pelo materialismo althusseriano; - a intervenção do inconsciente, teorizado pela Psicanálise lacaniana; - a convenção social lingüística extrínseca ao sujeito, postulada pelo Estruturalismo de Saussure. (MELO, 2009, pág, 5)

Nenhuma região do conhecimento pode surgir a partir do nada. É evidente, portanto, que ao mesmo tempo que a Análise do Discurso surge a partir de rompimentos com a Linguística Estruturalista, ela constitui-se a partir de importantes referenciais teóricos de outras disciplinas, principalmente da psicanálise, do materialismo histórico marxista e da linguística.

A Análise do Discurso contrapõe-se à Linguística Estrutural principalmente por conta da visão de língua autônoma que os Estruturalistas defendiam. A Análise do Discurso relativiza esse conceito. Embora as regras internas da língua sejam autônomas, o uso da língua é condicionado por determinações históricas, ideológicas e subjetivas. Assim, a língua não deve ser estudada em sua imanência.

A Análise do Discurso também se apropria do conceito de Materialismo Histórico do Marxismo. Essa teoria sociopolítica desenvolvida por Karl Marx e Friderich Engels entende a luta de classes como movimento constante na história da humanidade. O materialismo histórico dialético é o conceito de que existe uma luta social de classes ao longo da história humana e que essa luta se dá em torno da produção material. Influenciado por Althusser, Pêcheux acrescenta à Linguística o Materialismo Histórico para analisar o discurso à luz das relações materiais travadas entre os sujeitos.

A partir da psicanálise tem-se a noção de sujeito, afetado pela história e pela ideologia. Não é o sujeito independente das teorias pragmáticas e comunicacionais. Trata-se do Sujeito Lacaniano, complexo, clivado e inconsciente. O sujeito do discurso é controlado pela ideologia e pelo inconsciente.

Os vestígios do inconsciente revelam os desejos do sujeito, e aparecem por meio de diversos lapsos, repetições, esquecimentos e outras marcas psicanalíticas que permitem entrever o não-dito.

A Análise do Discurso herda da Linguística, do Marxismo e da Psicanálise, mas constrói um novo campo de conhecimento que não pode ser enquadrado por nenhuma dessas três áreas. A noção de discurso trazida não pertence ao objeto da Linguística Estrutural. Do mesmo modo, a Análise do Discurso “empresta” conceitos teóricos da psicanálise e do marxismo, mas seu objeto de estudo é diferente do dessas disciplinas.

Se a Análise do Discurso é herdeira de três regiões do conhecimento - Psicanálise, Linguística, Marxismo – não o é de modo servil e trabalha uma noção – a de discurso – que não se reduz ao objeto da Linguística, nem se deixa absorver pela Teoria Marxista e tampouco corresponde ao que teoriza a Psicanálise. Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele.

A análise do Discurso Francesa se divide em três fases, sumarizadas a seguir. A primeira fase tem como proposta teorização de uma máquina estrutural discursiva automática e sua obra inaugural é a ‘Análise Automática do Discurso’ de Michel Pêcheux, que se apoiava no método que Harris havia postulado em sua obra *Discourse Analysis* para realizar a apresentação de algoritmos para uma análise automática de discursos. Os discursos analisados nessa época são de cunho político e procura-se caracterizar quais seriam as marcas de cada discurso para identificar as ideologias. Essa fase possui um padrão de autonomia na análise de cada discurso.

Em 1975, com a obra *Les Verités de la Palice*, também de Pêcheux revisam-se conceitos e novos fundamentos são introduzidos. Os discursos não são isolados, eles existem como uma dispersão. Nessa noção existem diversas formações discursivas caracterizadas pelo processo de delimitação recíproca. É incorporado o conceito de Formação Discursiva, formulado por Michel Foucault.

Na terceira fase, passa-se ao primado do interdiscurso principalmente a partir dos trabalhos de Jacqueline Authier-Révuz sobre heterogeneidade discursiva. O

discurso não opera sobre a realidade e sim sobre outros discursos anteriores. (Melo, 2009).

É interessante compreender mais acerca das técnicas de análise de curso no próximo capítulo para aprimorar o entendimento e capacidade de desenvolvimento do processo.

2. O DISCURSO

Para se caracterizar o discurso, é necessário considerar diversas de suas características. É imperioso considerar o fato de que não existe discurso sem autor. Todo discurso emana ou tem como origem um enunciador que se dirige a interlocutores específicos. O papel do sujeito e do seu interlocutor na produção e interpretação do discurso, é, portanto, predominante e não pode ser ignorado.

“O discurso é assumido. Todo discurso é produzido por um enunciador e se dirige a interlocutores específicos. O locutor é fonte das referências pessoais, espaciais, temporais e das atitudes em relação ao tema e aos interlocutores.” (CHARAUDEAU E MAINGUENEAU, 2004).

Destaca-se, também, a vinculação muito estreita entre o sentido do discurso e o contexto. É evidente impossibilidade de se interpretar um discurso descontextualizado. Por isso, a importância das informações sobre o contexto social-histórico para a interpretação do discurso.

“O discurso é contextualizado. Não se pode atribuir sentido a um discurso fora do contexto. Além disso, o discurso pode modificar o contexto ao longo do processo de produção.” (CHARAUDEAU E MAINGUENEAU, 2004)

Além disso, é necessário considerar as normas sociais. Quais são os temas permitidos, quais são só temas não aconselháveis em determinada situação, qual é a forma linguística permitida.

“O discurso é regido por normas. O discurso é um comportamento social e está submetido tanto a normas gerais (de comportamento social) quanto a normas particulares, que controlam cada ato de linguagem”. (CHARAUDEAU E MAINGUENEAU, 2004)

Por fim, há a relação que o discurso estabelece com vários discursos concorrentes, que convivem com ele no mesmo momento histórico. Nenhum discurso

se constitui no vácuo, sempre existindo uma relação com outros discursos precedentes e concomitantes.

“O discurso é assumido em um interdiscurso. O discurso só adquire sentido no interior do universo dos outros discursos. Cada enunciado é interpretado na sua ligação com outros discursos com os quais estabelece relações diversas: citações, comentários, paródias.” (CHARAUDEAU E MAINGUENEAU, 2004)

2.1 IDEOLOGIA

Pela perspectiva marxista, ideologia tem conotação negativa. É aquilo que aliena o homem. A Ideologia pode ser compreendida como o conjunto de ideias acerca da cultura, política e sociedade que o ser humano internaliza e que o constituem. Na guia do Materialismo Histórico de Marx adotado pela Análise do Discurso, a Ideologia está a serviço da classe dominante.

Althusser, no livro *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado* (1974), reflete sobre a Ideologia e apresenta noção de que institutos capitalistas como as escolas, a família, o sistema jurídico, são instituições destinadas para a reprodução da Ideologia capitalista.

A escola é o exemplo mais marcante desse aparelho. Dentro da escola os alunos são condicionados a se inserirem dentro do meio de produção capitalista. Os estudantes devem respeitar as hierarquias, seguir horários, conhecer seus lugares e ferramentas. Sem que percebam ou questionem, as crianças gradativamente incorporam essas ideologias.

Dentro da Análise do Discurso, compreende-se que o sujeito está condicionado ideologicamente e reproduz essas ideologias em seu discurso, ainda que sem se dar conta disso.

2.2 ENUNCIÇÃO

Ao falar de Enunciação deve-se entender que a língua é o um conhecimento internalizado partilhado por todos os falantes de uma determinada comunidade. Saussure identifica que a linguagem tem dois aspectos: social e pessoal.

A língua é o aspecto social e este conhecimento é composto por dois elementos. O primeiro elemento é que na língua só existem diferenças, fônicas ou semânticas. São as diferenças semânticas que criam significados. O outro elemento são as regras combinatórias em todos os artigos da língua.

O aspecto pessoal é a fala, neste sentido, a realização individual da língua. Benveniste (1989), assevera que se passa da língua para a fala por meio do uso da enunciação. A enunciação pode ser lida como o ato de dizer.

O discurso, dir-se-á, que é produzido cada vez que se fala; esta manifestação da enunciação, não é simplesmente a “fala”? - É preciso ter cuidado com a condição específica da enunciação: é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto. Este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta. A relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação. Deve-se considerá-la como o fato do locutor, que toma a língua por instrumento, e nos caracteres linguísticos que marcam essa relação. (BENVENISTE, 1989, p. 82)

Dessarte, a enunciação é a primeira instância de mediação entre a língua e a fala, sendo a apropriação da língua por um ato individual. A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de enunciação.

Enquanto realização individual, a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um processo de apropriação. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios de outro. (BENVENISTE, 1989, p. 84)

Entende-se por instância o conjunto de categorias que cria um determinado domínio, e por categoria a noção que vai servir para agrupar uma classe de elementos da realidade. A enunciação é, portanto, substanciada como o conjunto de categorias linguísticas da pessoa, do tempo e do espaço que serve para passar da língua para fala.

A enunciação define-se como a instância de um eu-aqui-agora. O eu é instaurado no ato de dizer: eu é quem diz eu. A pessoa a quem o eu se dirige é estabelecida como tu. O eu e o tu são os actantes da enunciação, os participantes da ação enunciativa. Ambos constituem o sujeito da ação enunciação, porque o primeiro produz o enunciado e o segundo, funcionando como uma espécie de filtro, é levado em consideração pelo eu na construção do enunciado. Com efeito, a imagem do enunciatário a quem o discurso se dirige constitui uma das coerções discursivas a que obedece o enunciador: não é a mesma coisa produzir um texto para um especialista numa dada disciplina ou para um leigo; para uma criança ou para um adulto. O eu realiza o ato de dizer num determinado espaço tempo e num dado espaço. Aqui é o espaço do eu, a partir do qual todos os espaços são ordenados (aí, lá, etc;) agora é o momento em que o eu toma a palavra e, a partir dele, toda a temporalidade linguística é organizada. A enunciação é a instância que povoa o enunciado de pessoas, de tempos e de espaços. (FIORIN, 2016, p. 56/57)

Fiorin (2016) aponta que a sintaxe do discurso abrange dois aspectos distintos que se misturam e se comunicam: as projeções da instância da enunciação no enunciado e as relações entre um enunciador e um enunciatário.

O conteúdo linguístico das projeções da enunciação no enunciado é constituído por três diferentes elementos: a pessoa, o espaço e o tempo. Estes elementos são elementos dêiticos, por servirem como indicadores da enunciação. Por isso, a enunciação também é referenciada como a instância do ego, hic et nunc.

Este conteúdo linguístico pertence a todas as línguas e linguagens, diferenciando-se apenas a forma de manifestação. São elementos usados para relacionar o conhecimento da língua com a situação de enunciação e servem como coordenadas da situação de enunciação.

Enunciação é também uma instância logicamente pressuposta pelo enunciado, dado que se existe um enunciado existe um enunciador e existe enunciação. Benveniste ao falar da categoria de pessoa faz considerações relativas aos conceitos tradicionalmente postos para diferenciar esta categoria dentro da enunciação.

As formas denominadas tradicionalmente “pronomes pessoais” “demonstrativos”, aparecem agora como uma classe de “indivíduos linguísticos”, de formas que enviam sempre e somente a “indivíduos”, quer se trate de pessoas, de momentos, de lugares, por oposição aos

termos nominais, que enviam sempre e somente a conceitos. Ora, o estatuto destes “indivíduos linguísticos” se deve ao fato de que eles nascem de uma enunciação, de que são produzidos por este acontecimento individual e, se se pode dizer, “semel natif”. Eles são engendrados de novo cada vez que a enunciação é proferida, e cada vez eles designam algo novo. (BENVENISTE, 1989, p. 85)

É imperioso que se faça, então, uma diferenciação entre a terceira pessoa e as duas primeiras. As duas primeiras pessoas (EU e TU em português) são parceiros de enunciação e a terceira pessoa é tudo aquilo de que se fala. Caso eu fale sobre uma casa, por exemplo, eu falo sobre ela; se eu falar da chuva eu falo dela; mesmo quando não se fala de nada tem que se usar a terceira pessoa. As pessoas de fato são as duas primeiras e a terceira pessoa é a não pessoa. (FIORIN, 2016)

Outrossim, ainda sobre a categoria de pessoa, cabe destacar que a primeira pessoa (EU) não tem plural. “Nós” não é plural de “Eu”, sendo somente uma pessoa ampliada; “nós” se refere a “eu e eles”. Isso é importante para entender que os enunciadores podem falar ao mesmo tempo, mas nunca juntos. Quem enuncia é sempre EU. Nesta seara, “vós” pode ser plural, mas pode também ser uma pessoa ampliada. Somente “eles” será sempre plural de fato.

O sistema de uso de pessoas na língua é realizado por meio de dois mecanismos básicos: embreagens e debreagens; enunciativas e enuncivas. A debreagem actancial é o mecanismo que projeta no enunciado as pessoas. Na projeção do eu, ocorre uma debreagem enunciativa, enquanto na projeção do ele ocorre uma debreagem enunciva. (FIORIN, 2016) A debreagem actancial enunciativa é utilizada no intuito de se conferir ao texto um caráter subjetivo e a debreagem actancial enunciva é usada para criar no discurso um efeito de sentido de objetividade.

A narrativa em terceira pessoa é muito utilizada e recomendada em discursos científicos, jornalísticos e qualquer outro discurso em que o enunciador se dedique a manter um efeito de imparcialidade e neutralidade diante de um fato. No entanto, esta objetividade é apenas um mecanismo de linguagem que se usa para criar um efeito, não existindo de fato. O discurso imparcial, objetivo e neutro não existe. Para se verificar este fato, basta imaginar duas manchetes jornalísticas:

CONFRONTO NA FAVELA ENTRE POLÍCIA E BANDIDOS RESULTA NA MORTE DE 3 TRAFICANTES

AÇÃO POLICIAL CAUSA A PERDA DA VIDA DE 3 JOVENS DA COMUNIDADE

Fica evidente que apesar da debreagem actancial enuncia os enunciados ainda mantêm sentidos subjetivos, principalmente por conta das escolhas lexicais (ação/confronto; jovens/bandidos; resulta/causa, morte/vida; comunidade/favela).

É por este motivo que os jornais precisam mostrar versões e perspectivas diferentes sobre seus conteúdos e os estudos científicos só são reconhecidos pela comunidade após sua divulgação e análise por outros cientistas. Estes são meios mais autênticos para se manter a isenção e imparcialidade no discurso. (FIORÍN, 2016)

O enunciador também pode utilizar outro tipo de embreagem actancial, denominado por embreagem interna. Este tipo de embreagem tem o objetivo de criar simulações de diálogo nos textos.

As debreagens internas são responsáveis pela produção de simulacros de diálogos nos textos, pois estabelecem interlocutores, ao dar voz aos atores já inscritos no discurso. A debreagem de segundo grau cria a unidade discursiva denominada discurso direto e cria um efeito de sentido de verdade. Com efeito, o discurso direto proporciona ao enunciatário a ilusão de ouvir o outro, ou seja, suas “verdadeiras” palavras. (FIORIN, 2016, p. 67)

Ressalte-se que no discurso indireto não ocorre debreagem interna, pois a palavra de outro é ouvida na voz do narrador. Nos casos em que o narrador apresenta somente o conteúdo que foi dito por outro despido de qualquer expressão, tem-se a variante analisadora de conteúdo do discurso indireto. Se forem ressaltadas peculiaridades sobre as expressões do ator do discurso, tem-se a variante analisadora de expressão do discurso indireto. (FIORIN, 2016) Há ainda outro tipo de discurso, o indireto livre. Nele, a fala da personagem se mistura em meio à fala do narrador e cria um efeito de “ressoar de vozes”.

Se no discurso direto se estabelecem fronteiras bem nítidas entre a fala do narrador e a da personagem, e se no discurso indireto a fala do narrador invade a da personagem e esta é apresentada por aquela, no discurso indireto livre é a fala da personagem que invade a fala do narrador. Neste, ressoam duas vozes na fala do narrador: a sua e da personagem. (FIORIN, 2016, p. 68)

Não existe aleatoriedade no uso desses discursos. A escolha do tipo de embreagem é feita pelo enunciatário, tendo em vista a criação de um determinado efeito. A embreagem actancial é o mecanismo pelo qual se usa uma pessoa com o valor de outra. Este mecanismo também cria efeitos de linguagem. Ao se substituir o eu pela terceira pessoa eu objetivo meu discurso. Isto, é também verdade para o contrário; a substituição da terceira pessoa por eu tem o efeito de subjetivar o discurso.

Outro efeito da embreagem actancial enunciva é a possibilidade de se colocar como figura de autoridade dentro de um determinado papel social. Por exemplo, quando uma mãe diz ao filho “Mamãe não gosta quando você faz isso”, ela usa uma embreagem enunciva para se colocar no papel social de mãe e se vestir de uma autoridade maior do que se dissesse “Eu não gosto quando você faz isso.” (FIORIN, 2016)

A segunda categoria da enunciação é a categoria do tempo. É necessário, já de início, diferenciar o tempo linguístico, que é o nosso interesse, do tempo físico e do tempo cronológico.

O tempo físico nada mais é do que o intervalo de tempo entre o início e o fim de movimento. Um dia, por exemplo, é o intervalo de tempo entre o início e o fim do movimento de rotação da terra; um ano é o intervalo de tempo entre o início e o fim de 365 dias.

Já o tempo cronológico é a marcação de um determinado momento no tempo físico a partir do qual se estabelece uma sucessão de acontecimentos. Por exemplo, no calendário gregoriano a marcação é o ano de nascimento de Jesus Cristo, a partir do qual estabelecemos uma periodização temporal cronológica.

O tempo linguístico se diferencia dos dois tempos supracitados. O tempo linguístico é estabelecido em relação ao momento da enunciação. Assim, o momento

da enunciação estabelece um agora a partir do qual os acontecimentos referenciam-se.

Poder-se-ia supor que a temporalidade é um quadro inato do pensamento. Ela é produzida, na verdade, na e pela enunciação. Da enunciação procede a instauração da categoria do presente, e da categoria do presente nasce a categoria do tempo. O presente é propriamente a origem do tempo. Ele é esta presença no mundo que somente o ato da enunciação torna possível, porque, é necessário refletir bem sobre isso, o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o agora e de torná-lo atual, senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo. Poder-se-ia mostrar pelas análises de sistemas temporais em diversas línguas a posição central do presente. O presente formal não faz senão explicitar o presente inerente à enunciação, que se renova a cada produção de discurso, e a partir deste presente contínuo, coextensivo a nossa própria presença, imprime na consciência o sentimento de uma continuidade que denominamos “tempo”; continuidade e temporalidade que se engendram no presente incessante da enunciação, que é o presente do próprio ser e que se delimita, por referência interna, entre o que vai se tornar presente e o que já não o é mais. (BENVENISTE, 1989, p. 85/86)

Evidencia-se, portanto, o primeiro momento relevante no estudo linguístico é o momento da enunciação, pois por meio dele se estabelecem a localização dos acontecimentos.

Neste contexto, os acontecimentos podem ser concomitantes ou não concomitantes ao momento da enunciação. E, quando não concomitantes, anteriores ou posteriores. São estabelecidos então três tempos: Presente, Pretérito e Futuro. Estes serão os únicos três tempos e existirão em qualquer língua.

De acordo com o marco temporal estabelecido no texto, localiza-se o momento de referência temporal. Se o marco temporal for o agora o tempo é o presente; se o marco temporal é posterior o tempo é o futuro; e se o marco temporal for anterior o tempo é o pretérito.

Em relação a cada um destes marcos temporais, os acontecimentos podem ser simultâneos, anteriores ou posteriores. Surgem, então, nove diferentes formas temporais: pretérito do presente, presente do presente, futuro do presente, pretérito do pretérito, presente do pretérito, futuro do pretérito, pretérito do futuro, presente do futuro e futuro do futuro (FIORIN, 2016)

O tempo linguístico não segue a lógica do tempo físico ou cronológico. Pouco importa o agora físico ou cronológico, somente ‘o agora da enunciação’. Para que se compreenda a lógica do tempo deve-se entender que tempo é a localização de um acontecimento em relação a um momento de referência estabelecido em função do momento da enunciação. Dessarte, é imperativo que se descubra se a narração é simultânea, anterior ou posterior ao passado, presente ou futuro.

A partir do uso que eu faço dos tempos nos textos, eu os temporalizo e o maior uso dos tempos é feito nas narrativas. É possível narrar usando quaisquer conjuntos destes tempos, pois cria-se uma construção linguística.

Caso a narração se limitasse a reproduzir o mundo real eu só poderia narra no passado, pois a narração é sempre posterior à história contada. No entanto, o uso da debreagem temporal enunciativa e da debreagem temporal enunciva permitem a instalação do tempo no texto, de modo que não se fique preso ao pretérito.

Sendo assim, pode-se narrar no passado, para dizer que os acontecimentos narrados já se passaram; pode-se narrar no presente, para dar o efeito de que os acontecimentos estão se passando simultaneamente à narração; e, pode-se narrar no futuro, para demonstrar que os acontecimentos se darão após o momento da narração. Isto é uma escolha do enunciatário. (FIORIN, 2016)

Destaque-se que no que toca a descrição, eu somente posso descrever por meio dos tempos que indicam simultaneidade. Isso porque, a descrição não implica uma sucessão de acontecimentos, caracterizando apenas coisas simultâneas.

Na categoria de tempo, a embreagem temporal é o uso de um tempo no lugar de outro. Este uso, tem o efeito de criar um efeito de ficcionalidade no texto; é também usado para dar um tom mais polido ao discurso. Por exemplo, chegar a uma loja e dizer “Eu quero comprar um vestido”, pode ser percebido como rude, em função da imediatidade da ordem proferida. Por isso, é costumeiro fazer uma embreagem temporal e dizer “Eu queria comprar um vestido”; desse modo, o tom rude do tempo presente desaparece. Ademais, no uso do presente histórico, utiliza-se o presente em lugar do pretérito perfeito, no intuito de criar um efeito linguístico. Ao dizer:

Na data de 30 de abril de 1945, Adolf Hitler se suicida.

Essa embreagem é muito usada para aproximar uma passagem histórica ao momento da enunciação, sendo comum para relatar feitos heroicos de uma nação. (FIORIN, 2016) Acerca dos advérbios de tempo, estes também podem ser enunciativos ou enuncivos:

Os advérbios de tempo organizam-se num sistema enunciativo, que se refere ao momento de referência presente; e num sistema enuncivo, que se relaciona a um momento de referência pretérito ou futuro. Por exemplo, ontem, hoje e amanhã indicam o dia anterior ao dia em que se fala, o dia em que se faz a enunciação e o dia posterior ao dia da produção da enunciação. Já na véspera, no mesmo dia e no dia seguinte, expressam, respectivamente, o dia anterior a um momento de referência pretérito ou futuro, o dia do momento de referência pretérito ou futuro e o dia posterior a um momento pretérito ou futuro. São, pois, advérbios enuncivos. As expressões temporais construídas com o adjetivo próximo são enunciativas (por exemplo, na próxima semana é a semana posterior àquela em que se dá a enunciação); as expressões organizadas com o adjetivo seguinte são enuncivas (por exemplo, na semana seguinte é uma semana posterior a semana posterior à semana em que se localiza o momento de referência pretérito ou futuro). (FIORIN, 2016, p. 62)

O outro elemento dêitico da enunciação é a categoria espacial. Ao contrário da categoria de tempo e de pessoa, o espaço pode ser implícito. Isto é, não existe a necessidade de manifestar o espaço no tempo.

Os marcadores de espaço no enunciado são os pronomes demonstrativos, advérbios de lugar e adjuntos adverbiais de lugar. O espaço tem uma marcação triádica, na qual: este/aqui é espaço da primeira pessoa; esse/ali é espaço da segunda pessoa; aquele/ali é espaço da terceira pessoa. Neste sentido, este/esse/cá são os espaços da enunciação, enquanto aquele/lá são espaços fora da enunciação.

Os marcadores espaciais são usados no texto por meio do mecanismo da debreagem espacial. Este mecanismo instala os espaços no texto. A debreagem espacial enunciativa instala o espaço a partir de um aqui e a debreagem espacial enunciva estabelece o espaço sem relação com o aqui do enunciador.

As emblemas espaciais são utilizadas para se usar um espaço com o valor de outro. Este uso cria um efeito de ideias de ausências ou presenças no texto. Ao se usar o lá no lugar do aí, por exemplo, a pessoa com quem se fala é retirada do espaço enunciativo, o que cria um efeito de distância.

As relações entre o enunciador e enunciatário também pertencem à sintaxe do discurso. É preciso entender que todo ato de comunicação objetiva persuadir o outro sobre o que está sendo comunicado.

Nesse jogo de persuasão, o enunciador utiliza-se de certos procedimentos argumentativos visando a levar o enunciatário a admitir como certo, como válido o sentido produzido. A argumentação consiste no conjunto de procedimentos linguísticos e lógicos usados pelo enunciador para convencer o enunciatário. Por isso, não há sentido na divisão que se costuma fazer entre discursos argumentativos e não argumentativos, pois, na verdade, todos os discursos têm um componente argumentativo, uma vez que todos visam a persuadir. É claro que alguns se assumem como explicitamente argumentativos, como os discursos publicitários, enquanto outros não se apresentam como tal, como os discursos científicos, que se mostram como discursos informativos. (FIORIN, 2016)

Os dois procedimentos argumentativos mais usados são a ilustração e as figuras de pensamento. A ilustração consiste em enunciar uma afirmação geral e fornece exemplos com a finalidade de comprovar a afirmação feita. É um procedimento adequado para o uso quando se tem várias maneiras de ser ou fazer, pois os contraexemplos não infirmam a afirmação geral. No entanto, é perigoso se usado para englobar uma totalidade, pois um único contraexemplo é capaz de destruir a afirmação. (FIORIN, 2016)

Muitos empresários de sucesso são honestos e trabalhadores.

Os empresários de sucesso são honestos e trabalhadores.

Na primeira frase, ao se dar o exemplo de um único empresário de sucesso honesto e trabalhador é possível ilustrar e comprovar a ilustração, independente de contraexemplos. Na segunda frase, no entanto, basta o contraexemplo de um único empresário de sucesso que não seja honesto ou trabalhador para destruir a afirmação geral.

As figuras de pensamento são outro procedimento argumentativo muito usado. As figuras de pensamento que têm importância para a análise do discurso são as que se estabelecem a partir de mecanismos da sintaxe discursiva.

Neste sentido, a título de exemplo pode se citar a antífrase ou ironia. Nesta figura de pensamento, uma afirmação é feita no enunciado, mas negada na enunciação. (FIORIN, 2016)

A excelente Dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos – e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo – essa indecência de negro igual a branco e qualquer coisinha – a polícia! “Qualquer coisinha’: uma mucama assada ao forno porque se engraçou dela o senhor; uma novela de relho porque disse: “Como é ruim, a sinhá” ...

No trecho de *A Negrinha* de Monteiro Lobato, o autor faz uso da figura de pensamento da ironia. Isso porque, a enunciação enunciada permite compreender que o enunciador quer dizer o contrário do que diz. Dona Inácia não era uma excelente senhora, mas sim uma senhora cruel e abusiva. O autor usa a ironia para demonstrar o contraste entre a opinião que as personagens têm de Dona Inácia e a verdadeira opinião do enunciador sobre Dona Inácia.

Embora não se encerre o assunto, porquanto este é demasiado longo e complexo, fica demonstrada a sintaxe discursiva, com o conceito de enunciação, as categorias dêiticas da enunciação e as relações entre enunciador e enunciatário.

2.3 A ANÁLISE DE DISCURSO INGLESA

É importante destacar a existência de diferentes “Análises do Discurso”. Considera-se a existência da Análise do Discurso Francesa que mantém uma relação privilegiada e próxima à História, enquanto existe uma Análise do Discurso anglo-saxã que se mantém mais próxima à Sociologia.

[...] a diferença da Análise do Discurso de origem francesa e uma análise conversacional não precisa ser uma diferença de dados, mas de teoria: “não é porque os eventos de discurso de tipo ‘linguagem ordinária’ foram objetos de descrições ‘conversacionais’ ou ‘intencionais’ que eles não são discursos, que eles não podem ser tomados em conta em numa AD. Assim, o que diferencia a Análise do Discurso de origem francesa da Análise do Discurso Anglo-saxã, ou comumente chamada de americana, é que esta última considera a intenção dos sujeitos numa interação verbal como um dos pilares que a sustenta, enquanto a Análise do Discurso francesa não considera como determinante essa intenção do sujeito; considera que estes sujeitos são condicionados por uma determinada ideologia que predetermina o que poderão ou não dizer em determinadas conjunturas histórico-sociais. Essa é, entre outras, uma das diferenças teóricas entre as duas linhas. (MUSSALIN, 2001, p. 113)

A Análise Crítica do Discurso surge na década de 1980 como uma abordagem do discurso caracterizada pela preocupação com a prática social e para propor intervenções sociais por meio de seu trabalho de análise. Norman Fairclough é considerado o principal pensador da análise crítica do discurso. A proposta de Fairclough diferencia-se em sua análise profunda do papel da linguagem nas transformações sociais (LEITÃO; GUÉRCIO; SÁ, 2016)

O princípio norteador da ACD sustenta-se na noção de que o discurso constitui e é constituído por práticas sociais, sobre as quais se podem revelar processos de manutenção e abuso de poder, por isso é função do analista crítico do discurso difundir a importância da linguagem na produção, na manutenção e na mudança das relações sociais de poder e aumentar a consciência de que a linguagem contribui para a dominação de uma pessoa sobre a outra, tendo em vista tal consciência como o primeiro passo para a emancipação. (MELO, 2009, p. 9)

Portanto, o intuito da Análise Crítica do Discurso é ir além dos aspectos linguísticos e gramaticais para considerar e englobar os fatores sócio-culturais. Seu

objetivo é formular propostas e ações que reajam contra situações de opressão e por esse motivo os analistas envolvidos nesta prática são em sua maioria intelectuais militantes cuja intenção é criar incentivos à mudança social. A perspectiva da Análise Crítica do Discurso é centralmente intervencionista, tem como foco a Análise como instrumento de transformação e de mudanças. Para Melo (2009), a Análise do Discurso Crítica entende a análise como um instrumento político contra a injustiça social; neste sentido, o pesquisador que pretende manter-se neutro, em verdade, torna-se cúmplice das estruturas sociais.

Para Fairclough, a língua é instrumento ideológico que se situa nas lutas de poder. Desse modo, critica o pouco espaço que as outras linhas de discurso relegam a discussão da mudança social. Sua análise é hiperlinguística, sendo abrangente e incluindo elementos externos ao texto escrito ou falado com críticas ao contexto sociocultural, histórico e político. O objetivo da Análise Crítica do Discurso é entender como os textos são usados pelos grupos dominantes e opressores, e além disso, subsidiar caminhos pelos quais provocar a mudança social. Como toda análise crítica, preocupa-se com o local de produção do conteúdo.

A Análise Crítica do Discurso considera que o discurso tem associação intrínseca ao local de produção, não podendo, portanto, ser dissociado. Os grupos de domínio têm estratégias discursivas utilizadas e reproduzidas para a manutenção de seu status. As diferentes classes sociais, etnias, culturas, estilos de vida e experiências influem e determinam o discurso para agir como prática social. O analista nesta perspectiva enfatiza o problema social, identifica suas estruturas de reprodução e manutenção e procede com a análise interacional e linguística para identificar maneiras que superem os obstáculos as transformações (Fairclough, 2001).

No método analítico de Fairclough, o discurso é tridimensional e compreende-se como a dimensão da análise linguística, da análise do processo interacional e da análise de circunstâncias organizacionais e institucionais da sociedade. Fiorin (2016) destaca que a linguagem possui níveis e dimensões.

Desse modo, é incorreto que se considere a linguagem desvinculada da vida social, mas é também incorreto que se reduza a linguagem apenas às especificidades ideológicas. É necessário atenção às complexidades que envolvem o fenômeno linguagem.

Sabe-se que a linguagem é instrumento de poder e que a norma linguística utilizada por aqueles que detém o poder é a que com tempo tende a tornar a norma linguística considerada correta. No entanto, não se pode ignorar que alterações na linguagem também podem ter causas exclusivamente consonantais e fonológicas.

2.4 SISTEMAS DE ANÁLISE DO DISCURSO

Fiorin (2016) aponta diversas causas fonológicas capazes de promover e determinar alterações no sistema linguístico. Muitas vezes o sistema se altera por razões que são internas e inerentes ao próprio sistema.

Que são essas causas internas? Tomemos um exemplo de alteração no sistema fonológico. O sistema latino distingue consoantes simples (ex.: t/n/l) e consoantes geminadas (tt/nn/ll). Assim, duas palavras iguais em tudo menos no fato de que uma possui uma consoante simples e a outra, uma consoante geminada significam coisas diferentes.

Por exemplo, os pares *mitis/mittis*, *annus/anus* e *stela/stella* significam, respectivamente, *envias/doce*, *ano/velha feiticeira* e *estrela/coluna ornamental de túmulos*. O desaparecimento dessa oposição consonantal acarretou uma série de consequências.

Havia uma oposição do tipo *atta* vs *ata* vs *ada*. Desfazendo-se a oposição *germinada* vs *simples*, a série acima mencionada tornou-se *ata* vs *ata* vs *ada*. Seria então preciso refazer a oposição para que os dois primeiros elementos não se confundissem. Por isso, a surda intervocálica do segundo termo da série sonoriza-se (t, no caso, passa a d) e a sonora do terceiro termo cai. Refaz-se, assim a série: *ata* vs *ada* vs *aa* (Cf. *gutta* > *gota*; *latu* > *lado* e *nudu* > *nu*).

Os exemplos trazidos de Fiorín ilustram casos em que se tem uma alteração do sistema promovida somente por conta causas internas do próprio sistema. Não existem causas sociais que justifiquem estas alterações. Isso prova que o sistema goza de certa autonomia em relação às formações sociais.

A tentativa de investigar no nível linguístico as determinações que incidiram em determinado sistema são para Fiorín de interesse no máximo pontual. As línguas modernas são hereditárias das línguas que as antecederam. Sendo assim, é

praticamente impossível comprovar os fatores linguísticos ou sociais que motivaram as alterações no sistema.

Com o passar do tempo, perde-se a relação entre as mudanças linguísticas e as causas que as originaram. É importante então estabelecer distinções primárias para que se possa identificar as dimensões e níveis autônomos da linguagem. Deve-se distinguir entre língua e sua realização concreta, a fala; e, é imperioso distinguir também fala de discurso.

Nesse contexto, entende-se que a língua é social, pois é comum a todos os falantes de uma determinada comunidade linguística. Todos os falantes têm internalizadas as regras combinatórias e estruturas do seu sistema de linguagem. A fala e o discurso são as realizações concretas da linguagem.

A diferença consiste no fato de que enquanto a fala é rigorosamente individual, o discurso é o conjunto de frases e expressões usados pelos falantes para exprimir seus pensamentos ao mundo exterior.

O discurso são as combinações de elementos linguísticos (frases ou conjuntos constituídos de muitas frases), usados pelos falantes com o propósito de exprimir seus pensamentos, de falar com o mundo exterior, ou de seu mundo interior, de agir sobre o mundo. A fala é a exteriorização psico-físico-fisiológica do discurso. Ela é rigorosamente individual, pois é sempre um eu quem toma a palavra e realiza o ato de exteriorizar o discurso.

No nível do discurso é que se torna possível estabelecer as coerções sociais que determinam a linguagem. Isso porque, o discurso contempla a ideologia de um modo que não se contempla no nível linguístico estrutural.

A esse conjunto de ideias, a essas representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com outros homens é o que comumente se chama ideologia.

Como ela é elaborada a partir das formas fenomênicas da realidade, que ocultam a essência da ordem social, a ideologia é “falsa consciência”. A ideologia determina o discurso. O discurso consiste em dois campos distintos: o campo da manipulação consciente e o da determinação inconsciente. As pessoas são carregadas de ideologias e tais ideologias atuam e determinam os discursos que são produzidos. Por exemplo, uma ideologia muito presente em nossa sociedade é a

de que os homens são naturalmente desiguais, sendo alguns naturalmente melhores que os outros.

Essa ideologia justifica a ordem social vigente em que a desigualdade se faz tão presente. As ideologias são profundamente arraigadas e determinam o discurso em um nível inconsciente. Embora se tenha diferentes e variadas visões de mundo dentro de uma formação social, a ideologia dominante sempre será a ideologia da classe dominante. O discurso nunca é neutro, pois está sempre carregado de ideologias, e as ideologias estão determinando a todo o tempo a semântica dos discursos.

O autor francês enfatiza que a Ideologia funciona para encobrir o sistema de classes e a exploração de uma classe por outra. Assim, mantém coeso o tecido social e regula a relação social entre os membros da sociedade, para levar os integrantes a agirem nas funções que lhe foram determinadas sem oferecer grande resistência.

Para Althusser (1970), as relações sociais se reproduzem por meio de uma superestrutura que se constituem concretamente nos aparelhos ideológicos do Estado.

[...] é indispensável ter em conta não somente a distinção entre poder de Estado e aparelho de Estado, mas também outra realidade que se manifesta junto ao aparelho repressivo do Estado, mas que não se confunde com ele. Chamaremos esta realidade pelo seu conceito: os aparelhos ideológicos de Estado. (1970; p.67)

O Estado conta com Aparelhos Repressivos, que fazem uso da violência como meio de garantir a manutenção do domínio social estabelecido e utilizam também Aparelhos Ideológicos (Igreja, Escola, Família e outros) por meio dos quais se inculcam um conjunto de práticas e rituais destinados à reprodução da Ideologia dominante.

[...] uma reprodução de sua submissão às normas da ordem vigente, isto é, uma reprodução da submissão dos operários à ideologia dominante por parte dos operários e uma reprodução da capacidade de perfeito domínio da ideologia dominante por parte dos agentes da exploração e da repressão, de modo a que eles assegurem também “pela palavra” o predomínio da classe dominante. (ALTHUSSER, 1970, p. 58)

Orlandi (2015, p. 45) demonstra que o sentido é determinado pelo sujeito e que esse sujeito é afetado pela língua e história. Assim, pelo fato de não haver sujeito sem ideologia, a ideologia é parte fundamental no processo de constituição dos sujeitos e por consequência também é parte na constituição dos sentidos.

Todo sujeito carrega em sua Formação Discursiva ideologias pré-determinadas por outros discursos e, de forma inconsciente, o sujeito se posiciona em função destas ideologias. Por meio da Formação Discursiva é que se formam os sentidos. Deve-se atentar a análise sócio-histórica da produção dos discursos para que se possa entender o sentido discursivo (ORLANDI, 2015, P. 40).

No mesmo sentido:

(....) se uma mesma palavra, numa mesma expressão e uma mesma proposição podem receber sentidos diferentes (....) conforme se refiram a esta ou aquela formação discursiva é porque uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem um sentido que lhe seria próprio, vinculado a sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposição da mesma formação discursiva. (PECHÊUX, 1988, 161)

A ideologia pode estar presente em diferentes níveis mais superficiais ou mais profundos. Isso dependerá da maneira por qual se expõe o tema do texto. Se o tema for exposto de maneira mais objetiva diz-se que se trata de um texto temático. Os textos que trazem o tema de maneira mais figurativa denominam-se textos figurativos.

Uma formação ideológica deve ser entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações, de ideias que revelam a compreensão que uma determinada classe tem do mundo. Como não existem ideias fora dos quadros da linguagem, entendida no seu sentido amplo de instrumento de comunicação verbal ou não verbal, essa visão de mundo não existe desvinculada da linguagem. Por isso, a cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão de mundo. Essa formação discursiva é ensinada a cada um dos

membros de uma sociedade ao longo do processo de aprendizagem linguística. (FIORIN, 2016, p. 32)

Portanto, enquanto a Formação Ideológica condiciona “o que pensar” a Formação Discursiva determina “o que dizer”. O discurso é muito mais o lugar de reprodução do que de criação.

O Sujeito se crê dono de seu discurso, o que não é verdade. O Sujeito está inconscientemente submetido à Ideologia. Em Arqueologia do Saber, Foucault afirma

De modo paradoxal, definir um conjunto de enunciados no que ele tem de individual consistiria em descrever a dispersão desses objetos, apreender todos os interstícios que os separam, medir as distâncias que reinam entre eles – em outras palavras, formular sua lei de repartição. Parece que é a partir daí que a reflexão de Foucault evolui para chegar à concepção de que é um semelhante sistema de dispersão entre um número de enunciados que dá origem a uma Formação Discursiva. Ampliando, nomeia regras de formação as condições a que estão submetidos os elementos dessa repartição. (1971, p. 47)

Dentro de determinada Formação Ideológica, o sujeito inserido em determinada situação sócio-histórica, tem aquilo o que pode e o que deve ser dito. É isso que se chama de Formação Discursiva. Os sentidos que podem e devem ser vinculados pelo sujeito em uma situação sócio-histórica determinada.

Fiorín (1998: 32) destaca que, assim como existem diversas Formações Ideológicas, existem também diversas Formações Ideológicas e há uma Formação Discursiva que é dominante. Além disso, as Formações Discursivas constantemente interagem entre si e são heterogêneas a si próprias, sendo difícil precisar onde se encontram as zonas limítrofes de cada uma.

(...) é preciso não pensar as formações discursivas como blocos homogêneos funcionando automaticamente. Elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações. (ORLANDI, 2009, P. 44)

Observe-se os textos abaixo por exemplo:

Texto A

Cansada de esmolas e sem o dim da faculdade
Ela ainda acorda cedo e limpa três apartamentos no centro da cidade
Experimenta nascer preto, pobre na comunidade
Cê vai ver como são diferentes as oportunidades
E nem venha me dizer que isso é vitimismo
Não bota a culpa em mim pra encobrir o seu racismo
E nem venha me dizer que isso é vitimi
Que isso é vitimi
Que isso é vitimismo

Texto B

Em relação aos argumentos favoráveis às cotas raciais identificamos uma forma de argumentação que busca romper com o status quo . Baseados na sucessão de fatos históricos que mantiveram e ampliaram as desigualdades raciais, acredita-se que as políticas focalizadas são um modo de reparar e oferecer direitos efetivamente igualitários.

Nota-se que o argumento que compreende o critério racial como algo relevante na distribuição de oportunidades e direitos, pressupõe que há diferenças raciais entre aqueles que usufruem de melhores oportunidades e mais acesso a direitos vis-à-vis àqueles privados de direitos e com pouco acesso às oportunidades disponíveis no país. Portanto, as cotas raciais são compreendidas como um mecanismo para alterar a ordem de alcance das oportunidades e direitos. (Costa e Machado, 2017)

Os dois textos trazem o mesmo tema: cotas raciais. Entretanto, o texto A, excerto da música “Cota não é esmola” de Bia Ferreira é um texto figurativo. Já o texto B é um trecho de um artigo intitulado “Racismo Institucional e Argumentos sobre Cotas Raciais” e é um texto temático. Percebe-se que o Texto A faz uso de figuras que

concretizam o argumento sobre cotas raciais. Por meio da narração de uma história, a artista utiliza-se de coisas observáveis no mundo para concretizar seu discurso. O texto B é temático e não figurativo. Nele o tema é tratado de forma direta e objetiva com clareza e evidência.

O componente básico dos textos figurativos é a figura, enquanto o dos não figurativos são os temas. Temas e figuras são dois níveis de concretização dos elementos semânticos da estrutura profunda. Assim, podemos concretizar o elemento semântico “liberdade” como “não-trabalho”, como “lazer”.

Este é um primeiro nível de concretização. Podemos concretizar o “não-trabalho” como “balançar-se numa rede horas a fio”, como um “passeio pelo campo”. A publicidade que diz “Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada” usa esse conjunto de temas e figuras. Assim como diferentes temas podem concretizar o mesmo elemento semântico da estrutura profunda, o mesmo tema pode ser figurativizado de maneiras diversas.

A relação entre textos figurados e textos temáticos não é de exclusividade e sim de predominância. O texto figurativo utiliza-se predominantemente de figuras, enquanto o texto temático organiza-se basicamente por meio de temas. No entanto, o texto figurativo pode conter os temas e o texto temático pode conter figuras. A distinção consiste em qual aspecto se destaca e predomina no texto.

Todo discurso figurativo concretiza um discurso temático. Isso significa dizer que o discurso figurativo manifesta os temas ideológicos por meio de figuras. Para a análise de um discurso figurativo é necessário questionar sobre o tema de que o discurso trata. Assim, pode-se ir além da concretização superficial e acessar o discurso temático subjacente a esse texto.

O discurso figurativo é a concretização de um discurso temático. Para entender um discurso figurativo é preciso, pois, antes de mais nada, aprender o discurso temático que subjaz a ele. Ir das figuras ao tema é o que fazemos quando perguntamos: qual o tema deste texto; do que trata ele?

Quando falamos em textos figurativos ou não-figurativos, estamos falando em predominância e não em exclusividade, não existem textos exclusivamente figurativos ou temáticos. Um texto figurativo é aquele construído predominantemente com figuras, enquanto um texto temático é organizado basicamente com temas.

3. BIOGRAFIA GABRIEL CONTINO

Gabriel Contino (Rio de Janeiro, 4 de março de 1974), é um rapper, compositor, escritor e empresário brasileiro mais conhecido pelo nome artístico Gabriel, o Pensador.

Gabriel é escritor e lançou três livros, o autobiográfico Diário Noturno, e os infantis Um Garoto Chamado Rorbetto e Meu Pequeno Rubro-Negro. Sua quarta obra, Nada Demais, coautoria com Laura Malin, está completa mas ainda não foi publicada.

Gabriel também é um ativista social tendo como projetos o "Pensador Futebol" que investe em jovens jogadores que querem se profissionalizar e junto de Luís Figo e Luiz Felipe Scolari participou do projeto de futebol chamado "Dream Football" que através do envio de vídeos via internet deu a oportunidade dos participantes serem contratados por times profissionais de futebol. Ainda tem um projeto social conhecido como "Pensando Junto" que atende às crianças carentes da Rocinha.

O artista nasceu no bairro Vila Isabel, na Zona Norte do Rio de Janeiro. É filho de Belisa Ribeiro e Miguel Contino que se separaram quando ele tinha apenas seis meses. Ele foi criado somente por sua mãe.

Sua mãe teve uma gravidez de alto risco, na qual existia a possibilidade de que o bebê nascesse cego, surdo ou até morto. Sua mãe decidiu seu nome após ler o livro Cem Anos de Solidão, de Gabriel García Márquez. Gabriel possui um irmão materno, Tiago Mocotó, e dois irmãos paternos, Joana e Fernando.

Teve o interesse pela música despertado ainda na infância quando entrou na banda do colégio Senador Correia em que estudava. Após a mudança da família para o bairro de São Conrado na zona sul da cidade, passou a conviver com garotos da favela da Rocinha, dada a proximidade entre o bairro e a comunidade.

Esse convívio lhe proporcionou o primeiro contato com a música Rap. Após ouvir a música "Thriller" de Michael Jackson se interessou pela dança break. Começou a pichar muros e a compor com 16 anos de idade. Sua primeira apresentação musical foi em um baile funk na favela da Rocinha, sendo uma delas uma de suas obras mais famosas "Tô feliz (Matei o Presidente)". A música era uma

crítica ferrenha e direcionada ao então presidente do Brasil, Fernando Collor de Mello.

Frequentou aulas de comunicação social na PUC-Rio aos 18 anos de idade. Nessa época sua música “Tô Feliz (Matei o Presidente)” começou a tocar nas rádios onde se tornou um sucesso, sendo muito pedida nas estações. A música chegou a ser censurada a pedido do Ministério da Justiça, que via nas letras incentivo ao assassinato do presidente da república.

Apenas 20 dias depois de a música ter sido reproduzida pela primeira vez nas rádios, o presidente que já enfrentava um processo de impeachment foi forçado a deixar o cargo. A coincidência popularizou ainda mais a imagem do rapper, que passou a ser convidado para entrevistas e reportagens nos principais almanaques, folhetins e jornais do país.

A popularidade, no entanto, não rendeu ao artista um contrato com uma gravadora. Após um período, Gabriel é convidado pela Sonic Music para fazer um teste inicial. Em 1993, assina contrato com a gravadora e ao lançamento do primeiro álbum do artista, que assume o nome artístico de “Gabriel, O Pensador”. O álbum fez sucesso, contando com dez faixas, dentre as quais algumas são ainda populares como “Lôrabúrra” e “Retrato de um Playboy”.

O álbum vendeu 350 mil cópias e rendeu ao artista o 7.º Prêmio da Música Brasileira como revelação masculina do ano na categoria pop rock. Subsequentemente, o artista lançou uma série de álbuns e sucessos, tendo boa repercussão e recepção crítica e se sagrou como um dos principais artistas do Rap Nacional. Suas músicas também obtiveram sucesso em Portugal.

O cantor mescla o rap com influências do pop, hip hop, funk, samba, reggae e rock, e cria um estilo musical único e inconfundível, extremamente característico. Suas letras são carregadas de humor, ironia e sarcasmo e as rimas são ricas em figuras de linguagem, principalmente de metáforas, comparações e paradoxos.

Ele passeia pelos mais diversos temas, mas seus enfoques são os problemas sociais, como a corrupção, o racismo, a violência policial, as desigualdades sociais, e outros. Também costuma usar da arte para satirizar estereótipos sociais como os de “playboy”, garotos mimados de classe média alta que dependem do dinheiro dos pais e “louras burras”, homens ou mulheres que tem como único traço de personalidade a

estética e se recusam a refletir sobre as questões sociais ou a aceitar críticas acerca seus padrões de comportamento.

4. ANÁLISE DO CORPUS

Proceder-se-á com a análise do *corpus* selecionado de obras do artista. As músicas foram selecionadas seguindo o critério de sua popularidade e diversidade temática para o estudo do discurso do artista.

Neste sentido, as três músicas selecionadas apareceram dentro das mais ouvidas do artista. Ao mesmo tempo, a diversidade temática permitiu identificar o discurso ideológico do autor em diferentes segmentos sociais.

4.1 ANÁLISE DA MÚSICA ATÉ QUANDO

O ponto de partida de geração de sentido texto se encontra na diferença de sentido semântico criada pela oposição entre “Ação x Passividade”. O valor Ação é tomado como positivo (eufórico) enquanto a passividade tem caráter negativo (disfórico dentro do universo de sentido de construção do texto. A linha argumentativa tímica é determinada pela exaltação eufórica da ação em oposição a disforia da passividade.

No nível narrativo, o texto se organiza a partir de um sujeito que conclama ao questionamento, a ação e a rebeldia diante de uma situação crítica. Este sujeito existe nas dêixis da pessoa estendida Nós. A interpelação prima pela tomada de atitudes para subverter um cenário longe do ideal. O texto é construído a partir de uma dêixis enunciativa.

Os enunciatários são operários em condições subalternas e de exploração. A debreagem interna enunciva coloca o sujeito em um espaço ativo de discurso pelo qual existe a interpelação direta. Neste sentido, o uso de forma direta da segunda você cria um efeito de interpelação próxima e direta que coloca o interlocutor como ator com potencialidade ativa (Você pode/Você deve). O interlocutor acostumado a um estado passivo é trazido para um estado no qual tem poder.

A manipulação ocorre em decorrência da miséria, abandono e falta de oportunidades. A competência é o saber do local injusto em que se encontram e querer uma mudança de sociedade para a construção de uma comunidade mais harmônica. A partir do momento em que os sujeitos descobrem o seu lugar de dominados e passam em consequência a querer novas construções, eles passam a um estado eufórico de ação que se constitui no presente. Após, é recebida uma sanção positiva com a melhora das condições de vida em uma temporalização futura.

No nível discursivo, é constituída por um espaço subversivo, onde o sujeito se encontra fora de uma posição de poder, e conclama para a subversão desse status.

Não adianta olhar pro céu
Com muita fé e pouca luta
Levanta, aí, que você tem muito protesto pra fazer e muita greve
Você pode, você deve, pode crer
Não adianta olhar pro chão
Virar a cara pra não ver

Se liga aí, que te botaram numa cruz
E só porque Jesus sofreu não quer dizer que você tenha que sofrer

Logo na introdução, o sentido fundamental do texto se constitui entre a passividade e a ação. A antítese chão/céu realiza o efeito de protagonismo do interlocutor. A solução não descende do céu nem ascende do chão; é o enunciário que tem a potencialidade de mudança e transformação de seu estado.

O sentido religioso invoca um subtexto dinâmico. A fé cristã pressupõe um sentido de comiseração e passividade diante das mazelas ao qual o enunciador se opõe.

Até quando você vai levando? (Porrada! Porrada!)
Até quando vai ficar sem fazer nada?
Até quando você vai levando? (Porrada! Porrada!)
Até quando vai ser saco de pancada?
Até quando você vai levando? (Porrada! Porrada!)
Até quando vai ficar sem fazer nada?
Até quando você vai levando? (Porrada! Porrada!)
Até quando vai ser saco de pancada?

A construção do refrão enfatiza uma noção de necessidade desesperada de reflexão e tomada de consciência. A repetição das interpelações cria um efeito de urgência e desespero que interlocutor é levado a enfrentar de maneira direta.

A polícia só existe pra manter você na lei:
Lei do silêncio, lei do mais fraco
Ou aceita ser um saco de pancada, ou vai pro saco

A autoridade policial é vista como agente de manutenção do estado disfórico de passividade. Ao invés de promover sua missão de assegurar a segurança e bem-estar do cidadão a polícia age como um ente violento destinado a manutenção de status dominante. Esta visão pertence ao ideário dos grupos marginalizados para quem a instituição policial constitui-se em inimigo.

A programação existe pra manter você na frente:
Na frente da TV, que é pra te entreter
Que é pra você não ver que o programado é você

A televisão também se constitui como parte do sistema de dominação. A programação determinada pelos possuidores do espaço de poder é pensada com o intuito de manter o sujeito alienado e sem perceber a miséria de suas condições materiais, consequentemente impedindo a subversão.

Acordo, não tenho trabalho, procuro trabalho, quero trabalhar
O cara me pede o diploma, não tenho diploma, não pude estudar
E querem que eu seja educado
Que eu ande arrumado, que eu saiba falar
Aquilo que o mundo me pede não é o que o mundo me dá

Existe uma dialética marxista evidente construída na identificação (“Quero trabalho”), a contradição (“Não tenho trabalho”) e a negação da negação (“Quero trabalhar”).

A embreagem enunciativa cria um efeito de subjetividade que coloca o enunciatário em uma posição igual ao interlocutor. Desta feita, o sentido de empatia e proximidade se fortalece, além de levar o enunciatário a um estado de personificação da mazela.

A negação histórica de oportunidades coloca o ator em um contexto que exige dele aquilo que sempre lhe foi negado. A educação ofertada foi deficiente e carente, e as exigências não se enquadram dentro de uma perspectiva que lhe permita alcançar o objeto desejado. No entanto, a cobrança daquilo que não pode ser alcançado persiste e conduz ao mesmo espaço marginal.

Consigo um emprego, começa o emprego, me mato de tanto ralar
Acordo bem cedo, não tenho sossego, nem tempo pra raciocinar
Não peço arrego, mas onde que eu chego
Só fico no mesmo lugar
Brinquedo que o filho me pede, não tenho dinheiro pra dar

No momento de alcance do objeto é mantida a negação ao status. Mesmo com o a tentativa de se conciliar ao discurso meritocrático capitalista, o sujeito permanece em espaço de dominação. Isso porque, a conjuntura estrutural não lhe permite um

avanço significativo. Constitui-se um paradoxo. É somente pela passagem ao estado eufórico de ação que se concretizará o desejo.

Você tenta ser feliz, não vê que é deprimente
 Seu filho sem escola, seu velho tá sem dente
 'Cê tenta ser contente e não vê que é revoltante
 Você tá sem emprego e a sua filha tá gestante

A antítese presente feliz/deprimente e contente/revoltante enfatiza um lugar de estranhamento que coloca o interlocutor em conflito e mais uma vez congrega para a busca de um estado de junção motivado pela tomada de ação. Embora, os esforços para suceder no espaço do texto sejam incessantes (buscar trabalho, felicidade, contentamento), o fracasso conjuntural sempre alcança o interlocutor (deprimente, revoltante, sem trabalho).

Isso porque, é a superestrutura de dominação ideológica capitalista que coloca o sujeito em uma posição de alienação do poder. É somente com a conscientização da causa dessa dominação que se adquire a potencialidade a passar a um estado eufórico.

A necessidade de se realizar uma mudança de estado de passividade para um estado de ação perpassa a tomada de conhecimento acerca da vivência presente. A interpelação isotópica “Até Quando?” dá a coerência temporal de que o quando chegará no momento em que os interlocutores não mais aceitarem o espaço a que foram grilhados.

Escola, esmola
 Favela, cadeia
 Sem terra, enterra
 Sem renda, se renda!
 Não! Não!

A escola é outra instituição destinada à manutenção do estado disfórico de passividade e dominação. Neste contexto, o saber estruturado não é libertador porque não contribui para a criação do estado eufórico. Na superestrutura, a escola pacifica os alunos e os coloca em um espaço de alienação.

A esmola é o pouco dado também como forma de se pacificar e manter o estado de passividade. Diante disso, o único espaço que se pode ocupar é o da favela ou cadeia. Os movimentos sem-terra que tentam lutar distribuição da propriedade são agredidos e postos num contexto de ilegalidade e tratados com violência. Resta se render diante da impossibilidade de enfrentamento desta superestrutura opressiva.

O enunciatório encontra o conflito. A mudança conclamada se concretiza em sua negativa de submissão e o clímax se realiza. Instado a um estado tomada de consciência, a negativa perante a construção léxica de se renda significa que o enunciatório tomou conta do espaço ocupado e passou a um estado eufórico, se negando à rendição e à passividade. Diante do confronto ele se recusa à pacificação e exclama sua posição.

Muda, que quando a gente muda, o mundo muda com a gente
 A gente muda o mundo na mudança da mente
 E, quando a mente muda, a gente anda pra frente
 E, quando a gente manda, ninguém manda na gente
 Na mudança de atitude, não há mal que não se mude
 Nem doença sem cura
 Na mudança de postura, a gente fica mais seguro
 Na mudança do presente, a gente molda o futuro
 Até quando você vai levando porrada?
 Até quando vai ficar sem fazer nada?
 Até quando você vai ficar de saco de pancada?
 Até quando você vai levando?

A saída reforça o conteúdo da exposição textual. O quando não é um espaço temporal determinado no futuro, mas apenas um estado eufórico estabelecido em relação a passagem da alienação e passividade ao conhecimento e à ação. Pouco importa a passagem do tempo cronológico a não ser que os interlocutores se coloquem numa posição ativa.

O futuro é determinado pela ação do agente no tempo presente. A mudança da postura é responsável pela criação do espaço harmônico desejado. As mazelas serão enfrentadas somente por meio da derrubada das estruturas vigentes por um estado de atitude.

4.2 ANÁLISE DA MÚSICA RACISMO É BURRICE

No nível fundamental o texto se constrói a partir da diferença semântica mínima Racismo/Inteligência. A discriminação racial é concebida como falta de inteligência, conhecimento e cultura. O Racismo está em uma conotação integralmente disfórica e o estado de inteligência é caracterizado como oposto ao racismo, sendo, portanto, eufórico.

O nível narrativo constitui-se na tentativa do sujeito em negar o estado disfórico de racismo e perfazer a harmonização racial em um estado eufórico de inteligência. A dêixis pessoal é enunciativa. O enunciador utiliza uma embreagem interna para referenciar a um interlocutor que pretende persuadir de forma direta ("o povo brasileiro"). As escolhas lexicais permitem depreender que o enunciatário é uma pessoa de classe média.

A manipulação é trazida do histórico conturbado de relações raciais no país. Os anos de escravidão deixaram uma marca nefasta que se mostra na discriminação racial. No texto, o racismo é ampliado a tratar não somente das questões posta exclusivamente à raça, mas também a discriminação de classe e profissional. No programa narrativo da competência o sujeito busca oferecer ao interlocutor uma série de conhecimentos que levarão a um estado eufórico de tolerância racial. A sanção é positiva, reforçando um tom otimista que enxerga com otimismo a capacidade de criação de uma sociedade inteligente.

No nível do discurso, o sujeito narrador tenta "convencer" o interlocutor a se desvincular da prática racista.

Salve, meus irmãos africanos e lusitanos, do outro lado do oceano
 "O Atlântico é pequeno pra nos separar, porque o sangue é mais forte que a água do mar"
 Racismo, preconceito e discriminação em geral;
 É uma burrice coletiva sem explicação
 Afinal, que justificativa você me dá para um povo que precisa de união
 Mas demonstra claramente
 Infelizmente
 Preconceitos mil

A invocação direta no início da música estabelece os interlocutores dentro de um plano narrativo determinado. O narrador vai falar aos “irmãos africanos e lusitanos”. Os dois povos (africanos e portugueses) são postos em um mesmo patamar; essa colocação ignora o processo histórico de conflito entre os povos dos dois continentes. Embora, o interlocutor indubitavelmente compreenda a significação do período escravagista, a escolha de posicionar ambos os povos como iguais permite entrever a sequência argumentativa que será desenvolvida.

De naturezas diferentes
Mostrando que essa gente
Essa gente do Brasil é muito burra
E não enxerga um palmo à sua frente
Porque se fosse inteligente esse povo já teria agido de forma mais
consciente
Eliminando da mente todo o preconceito
E não agindo com a burrice estampada no peito

Destaque-se que o “povo brasileiro” está posto em uma embreagem de terceira pessoa, sendo assim a não-pessoa. Nessa construção, o enunciatário está fora da disforia apontada “nessa gente”. O lugar do narrador é mais próximo dos estrangeiros do que do brasileiro. Isso porque, o enunciador não é como esse povo burro. Ele já está em um estado eufórico, ele é inteligente, o que permite que ele aconselhe o povo a superar o preconceito.

Apesar da rememoração histórica produzida, a sintaxe discursiva não enfrenta a construção racista da sociedade em seu nível estrutural. O racismo é visto quase como uma escolha pessoal, a ser superada de modo até fácil, no momento que os indivíduos se derem conta do erro de suas concepções.

A ideologia dominante de manutenção da prática racista é ignorada.

A "elite" que devia dar um bom exemplo
É a primeira a demonstrar esse tipo de sentimento
Num complexo de superioridade infantil
Ou justificando um sistema de relação servil

A elite econômica é vista em uma posição de superioridade. Dentro da construção que enxerga o racismo como pura falta de acesso à inteligência, a lógica

simples leva a crer que as melhores condições de acesso material da elite os levariam a um acesso privilegiado à educação formal e conseqüentemente a serem inteligentes (não sendo então racistas). A contradição é explicada pela infantilização da elite ou pelo apontamento de um desejo de manutenção do propositual do status servil.

E o povão vai como um bundão na onda do racismo e da
discriminação
Não tem a união e não vê a solução da questão
Que por incrível que pareça está em nossas mãos
Só precisamos de uma reformulação geral
Uma espécie de lavagem cerebral

O povão sem inteligência vai servilmente na esteira do racismo sem se questionar. A repetição lexical de povo e derivações cria um efeito de sentido de generalização. O problema é tratado exteriormente de uma forma que neutraliza a proposição chave. Não se coloca culpados ou se responsabiliza uma classe ou população, sendo somente o povo burro os reprodutores do racismo. É impossível depreender quem seria esse povo burro e muito menos entender em quais condições se reproduzem e perpetuam essa falta de inteligência.

A escolha lexical cria um efeito de neutralidade do discurso, que não é agressivo ou disfórico. A realização total é da possibilidade de mudança. “Só precisamos de uma reformulação geral” traz uma perspectiva otimista da possibilidade de mudança da sociedade brasileira, ainda que esta tenha suas bases estruturais construídas na discriminação racial.

A construção lavagem cerebral novamente pressupõe uma ótica individualista e libertária. O racismo não é encarado como um problema social e sim como uma posição subjetiva fruto do desconhecimento.

Não seja um imbecil
Não seja um ignorante
Não se importe com a origem ou a cor do seu semelhante
O quê que importa se ele é nordestino e você não?
O quê que importa se ele é preto e você é branco
Aliás, branco no Brasil é difícil, porque no Brasil somos todos
mestiços
Se você discorda, então olhe para trás
Olhe a nossa história

Os nossos ancestrais
O Brasil colonial não era igual a Portugal
A raiz do meu país era multirracial
Tinha índio, branco, amarelo, preto
Nascemos da mistura, então por que o preconceito?

A crítica ao racismo sempre é feita de forma externa; o racismo é praticado pelo outro e sofrido pelo outro também. A opinião é de que todos possuem a mesma origem racial, de modo que se torna descabido discriminar o outro. A solução adota a filosofia de abandonara visão preconceituosa apenas pela tomada de consciência.

A oposição racial é neutralizada e afastada. A problemática racial não é enfrentada, pois o texto adota a ideologia de que todos são mestiços, num espaço que o conflito negro x branco perde o sentido.

E se você é mais um burro, não me leve a mal
É hora de fazer uma lavagem cerebral
Mas isso é compromisso seu
Eu nem vou me meter
Quem vai lavar a sua mente não sou eu
É você

A saída recoloca e sintetiza o exposto na produção textual. O racismo é contraposto a inteligência. O racista é aquele que possui baixo nível intelectual, pouca sensatez. A superação do racismo passa uma lavagem cerebral que compete a cada indivíduo promover em si mesmo.

4.3 ANÁLISE DE ESTUDO ERRADO

No nível fundamental, o texto se organiza pela oposição semântica mínima APRENDIZAGEM x DISCIPLINA, em um contexto no qual a liberdade tem uma valoração eufórica e a escola tem valoração disfórica. Assim, o sujeito busca a todo momento ser livre, mas é coibido pelas estruturas sociais rígidas da instituição escolar.

Em relação ao nível narrativo, a dêixis actancial é enunciativa, partindo de eu, aqui, agora. O narrador emula um infante em idade escolar e as marcas enunciativas permitem depreender se tratar de um jovem de classe média. A embreagem interna cria um efeito de proximidade com o enunciatário, que também pode ser identificado como jovens em idade escolar, de classe média ou alta, além dos adultos responsáveis pela organização do currículo escolar que será criticado.

No nível discursivo o enunciatário realiza uma crítica ao ensino tradicional e conteudista que impera nas escolas brasileiras.

Atenção pra chamada! Aderbal?

- Presente!

- Aninha?

- Eu!

- Breno?

- Aqui!

- Carol?

- Presente!

- Douglas?

- Alô!

- Fernandinha?

- Tô aqui!

- Geraldo?

- Ooh!

- Itamarzinho?

- Faltou!

- Juquinha?

O uso da embreagem interna enunciativa no interlúdio é usado para espacialização do texto. A repetição de um professor ou professora realizando a chamada escolar, logo permite inferir que se trata de uma sala de aula.

Eu tô aqui pra quê?

Será que é pra aprender?
 Ou será que é pra sentar, me acomodar e obedecer?
 Tô tentando passar de ano pro meu pai não me bater
 Sem recreio, de saco cheio porque eu não fiz o dever

A interpelação retórica do narrador enunciativo tem o efeito linguístico de levar o enunciatário a reflexão. Ao ser instado a responder a chamada escolar o narrador logo se pergunta o porquê de ele estar ali. Aquele contexto não produz sentido para ele. A chamada seguida pela interpelação faz crer que a presença física do aluno importa mais para o sistema escolar do que seu aprendizado.

O discurso segue neste sentido. O aluno não entende porque ele está ali. A escola não lhe cria efeitos de sentido produtivos. Ele não entende sua posição na estrutura e se questiona. Pela missão institucional declarada a escola tem o objetivo de transmitir conhecimentos determinados e auxiliar a adquirir saberes diversos. No entanto, o narrador questiona essa missão. Em sua perspectiva o maior da escola parece ser para condicionar os alunos e embutir-lhes comportamentos sociais necessários a produção capitalista. (disciplina, subserviência, individualidade, avaliação normatizada, produtividade qualitativa, etc).

Em seguida, o narrador demonstra não ter interesse no sistema escolar. Seu objetivo no ambiente não é aprender, pois o currículo não lhe atrai; portanto, ele está ali para passar de ano e, principalmente, para fugir da punição física que lhe será imposta em caso de não alcançar os padrões pré-determinados.

A escola tradicional funciona por meio de um condicionamento que recompensa comportamentos desejados e pune os indesejados. No texto, o sujeito é punido na escola, tendo cerceado seu tempo de lazer, e na família, recebendo punição física do pai.

A professora já tá de marcação porque sempre me pega
 Disfarçando, espiando, colando toda prova dos colegas
 E ela esfrega na minha cara um zero bem redondo
 E quando chega o boletim lá em casa eu me escondo

A prova é o instrumento avaliativo utilizado pelo professor para averiguar se o aluno assimilou os conhecimentos transmitidos. Neste contexto, a função da prova é medir os alunos; aos que obtêm uma média satisfatória confere-se uma recompensa e aos que não alcançam índices mínimos a punição.

Como o espaço escolar não faz sentido para o sujeito do texto, ele fracassa perante os parâmetros avaliativos. O receio da punição o leva a tentativa de burlar o sistema copiando o trabalho dos colegas. No momento em que o narrador é pego no ato ele recebe uma punição imediata. É possível entrever que a preocupação da escola é maior com a obediência do que com o aprendizado; ao ver um aluno colando, a professora não procura entender o porquê de ele não estar assimilando o conhecimento transmitido. A punição à transgressão disciplinar é irrecorrível.

Ao chegar no seio familiar, o sujeito se preocupa precipuamente em esconder sua nota abaixo da média. O reforço negativo recebido na escola não surtiu o efeito desejado, pois não tendo o ensino produzido uma marca psicológica positiva dentro da psiquê do aluno, ele não se preocupa com a nota zero; seu único medo é receber ainda mais punições físicas, a nota não surtiu efeito nenhum para incentivar o aprendizado.

Eu quero jogar botão, vídeo-game, bola de gude
Mas meus pais só querem que eu "vá pra aula!" e "estude!"
Então dessa vez eu vou estudar até decorar cumpádi
Pra me dar bem e minha mãe deixar ficar acordado até mais tarde
Ou quem sabe aumentar minha mesada
Pra eu comprar mais revistinha (do Cascão?)
Não, de mulher pelada
A diversão é limitada e o meu pai não tem tempo pra nada
E a entrada no cinema é censurada (vai pra casa pirralhada!)
A rua é perigosa então eu vejo televisão
(Tá lá mais um corpo estendido no chão)
Na hora do jornal eu desligo porque eu nem sei nem o que é inflação
- Ué não te ensinaram?
- Não. A maioria das matérias que eles dão eu acho inútil
Em vão, pouco interessantes, eu fico pu..
Tô cansado de estudar, de madrugar, que sacrilégio
(Vai pro colégio!!)
Então eu fui relendo tudo até a prova começar
Voltei louco pra contar:

O sujeito-narrador demonstra maior vontade de brincar e entreter-se do que estudar os conteúdos escolares, que a seu ver são inúteis e desatualizados. Os pais não dialogam ou procuram entender a perspectiva do aluno. O sujeito se sente subjugado e moralmente abalado. A falta de voz social leva o sujeito a um estado de ânimo abalado. Por fim, seu lugar é de submeter-se, ainda que contrariado.

É possível perceber que seu interesse não é em aprender, mas sim em obter recompensas sociais que lhe serão legadas caso alcance nível satisfatório na medição escolar normatizada. O sujeito estuda para ficar acordado até mais/ receber mais mesada/ comprar revista de mulher pelada.

A figura paterna, inserida dentro do mercado de trabalho, não tem tempo para dedicar ao sujeito que se ressentido. Ao mesmo tempo, a violência urbana não permite que o infante saia às ruas para se entreter. Resta assistir à televisão; e, nesse meio midiático, o sensacionalismo é criticado pela intertextualidade com o texto de João Bosco e Aldir Blanc: Tá lá o corpo estendido no chão (De frente pro crime).

O enunciatório destaca a situação das crianças que, na ausência familiar, recebem conhecimentos da televisão; conhecimentos estes que apelam para o sensacionalismo da violência urbana e levam à banalização da vida humana.

O jovem narrador não se interessa pelo jornal. É possível entrever o sentido do enunciatório de destacar a necessidade de aprendizagem de conceitos práticos e úteis no cotidiano. A desatualização do currículo escolar impede que o aluno se interesse por assuntos importantes em sua vivência.

[Refrão]

Manhê! Tirei um dez na prova
 Me dei bem, tirei um cem, eu quero ver quem me reprova
 Decorei toda lição, não errei nenhuma questão
 Não aprendi nada de bom, mas tirei dez (Boa, filhão!)
 Manhê! Tirei um dez na prova
 Me dei bem, tirei um cem, eu quero ver quem me reprova
 Decorei toda lição, não errei nenhuma questão
 Não aprendi nada de bom, mas tirei dez (Boa, filhão!)

Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci
 Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi
 Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci
 Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi

O refrão reforça as críticas ao sistema escolar postas no texto. É possível entender que após o esforço e condicionamento do sujeito narrador, ele obtém uma média satisfatória na avaliação escolar e as recompensas ofertadas.

Contudo, ainda assim persiste a problemática de que a assimilação do conhecimento se deu de forma mecânica e temporária, e apenas pelo desejo de aprovação social. Em todo texto se evidencia o conflito entre aprendizagem e disciplina.

Encarem as crianças com mais seriedade
 Pois na escola é onde formamos nossa personalidade
 Vocês tratam a educação como um negócio onde a ganância, a
 exploração e a indiferença são sócios
 Quem devia lucrar só é prejudicado
 Assim vocês vão criar uma geração de revoltados
 Tá tudo errado e eu já tou de saco cheio
 Agora me dá minha bola e deixa eu ir embora pro recreio...

Na estrofe da saída ocorre uma embreagem enunciativa, pela qual o enunciatário “toma” a voz do narrador para se dirigir diretamente ao enunciatário. No intuito argumentativo o sujeito do verso sintetiza a temática narrativa e faz uso do imperativo para exortar o interlocutor, aqui visto como os organizadores da educação brasileira, a ter outro olhar para o sistema educacional.

Antes do fim da estrofe, ocorre outra embreagem de breagem actancial e o sujeito volta a ser o jovem aluno narrador, que cansa da sua exposição revoltada e prefere encerrar o discurso e ir jogar bola no recreio.

Juquinha você tá falando demais
 Assim eu vou ter que lhe deixar sem recreio!
 Mas é só a verdade, fessora!
 Eu sei, mas colabora, senão eu perco o meu emprego

O poslúdio é formado pelo diálogo direto entre a professora e o sujeito-narrador Juquinha. No diálogo, a professora admite as falhas apontadas

por Juquinha no sistema educacional, mas infere que deve se submeter para a manutenção de seu emprego.

Fica evidente nessa construção que o enunciatário considera que os professores conhecem e concordam com suas críticas no sistema educacional. Pode-se entrever também o desejo de “perdoar” os professores. O enunciatário lhes tira a culpa das deficiências apontadas na instituição escolar, reconhecendo que seu status social os força a submissão diante da problemática.

4.4 TEMÁTICAS TEXTUAIS

É importante lembrar o que leciona Fiorin acerca das figuras e temas:

[...] dependendo dos graus de concretude dos elementos semânticos que revestem os esquemas narrativos, há dois tipos de textos: os figurativos e os temáticos. Os primeiros criam um efeito de realidade, pois constroem um simulacro da realidade, representando dessa forma, o mundo; os segundos procuram explicar a realidade, classificam e ordenam a realidade significante, estabelecendo relações e dependências. Os discursos figurativos têm uma função descritiva ou representativa, enquanto os temáticos têm uma função descritiva ou representativa, enquanto os temáticos têm uma função predicativa ou descritiva. Aqueles são feitos para simular o mundo; estes, para explicá-lo. (2016, p. 91)

É imprescindível destacar que por óbvio nenhum texto é composto apenas por temas ou figuras. Ao se falar de textos figurativos ou temáticos, estamos a falar de dominância e não de exclusividade. Ademais, em todos os textos figurativos há um tema subjacente às figuras.

Em relação às obras estudadas do rapper Gabriel, o Pensador, é evidente que na faixa Até Quando e Racismo é Burrice são textos temáticos. Isso porque predomina nos dois textos a função predicativa, com poucas e eventuais figurações. São textos que se utilizam de figuras preferencialmente abstrato para a construção de sentido.

Já em Estudo Errado é evidente o predomínio da função representativa, fato que permite depreender que se trata de um texto figurativo. A construção semântica

utilizada é muito mais próxima do concreto. Este texto cria um efeito da realidade ao construir um simulacro da realidade e se aproximar de uma representação literal do mundo. Sobre a possibilidade de investigar os temas subjacentes às figuras nos textos figurativos, Fiorin leciona

Não é com o significado de uma figura isolada que vamos até o tema, pois, se procedermos assim, chegaremos a interpretações totalmente fantasiosas que não encontram amparo no texto. (...) Nesse caso, verificamos que as figuras estabelecem entre si relações, formam uma rede. Aliás, devemos ter sempre presente que texto quer dizer tecido. O que interessa, pois, na análise textual é esse não apreender figuras isoladas, mas perceber relações entre elas, avaliando a trama que constituem. A esse encadeamento de figuras, a essa rede relacional reserva-se o nome de percurso figurativo. No texto verbal, um conjunto de figuras lexemáticas relacionadas compõem um percurso figurativo.

Para que um conjunto de figuras ganhe um sentido, precisa ser a concretização de um tema, que, por sua vez, é o revestimento de enunciados narrativos. Por isso, ler um percurso figurativo é descobrir o tema que subjaz a ele. (2016, p. 96,97)

No texto *Estudo Errado*, as figuras “acomodar”, “obedecer”, “bater”, “decorada”, “estudar”, “memorizei”. “método”, “ensino”, compõem o percurso figurativo da escola e da revolta.

Sobre os percursos temáticos, este é o nome reservado para o encadeamento de temas; o conjunto de lexemas agora abstratos é utilizado para manifestar um tema de modo mais geral.

Nos textos *Até Quando* e *Racismo é Burrice*, os percursos temáticos são compostos pela exaltação da tomada de atitudes e da negação do racismo, respectivamente.

5. Considerações

Este estudo se iniciou por uma representação do percurso histórico da Análise do Discurso e da formação do campo teórico de estudo da disciplina. Em seguida, fez-se uma apresentação das diversas teorias, técnicas e competências necessárias para a análise dos discursos. Estes subsídios permitiram a análise e interpretação do corpus de três músicas de autoria de Gabriel, O Pensador.

O final da apresentação possibilitou a percepção de que em seus discursos, o rapper se posiciona em um lugar alheio à prática objeto de suas composições. Em uma maneira oposta ao que é feito geralmente no ritmo do hip hop, Gabriel, o Pensador não faz uso de relato de experiências pessoais para a contextualização de suas obras.

No nível lexical e semântico, o músico aproxima-se de um discurso tido tradicionalmente com liberal. Suas composições são feitas tendo como perspectiva de interlocutores uma classe média. Diferente do que é tradicional no estilo musical do Rap, seus discursos não se constituem com agressividade ou crueza.

Suas músicas não contêm o sentimento de exasperação ou revolta que geralmente caracterizam o movimento hip hop. Seu alcance se limita conclamar por mudanças individuais, mas sem incitação à violência nem incentivo para a subversão dos institutos que regem e reproduzem a ideologia social.

A crítica costuma se voltar aos indivíduos e ignorar a superestrutura das instituições sociais dominantes e de condicionamento. Nos momentos em que o olhar se volta às instituições, esta oposição é feita de forma alternada e subalterna à crítica liberal.

No nível lexical, são usadas poucas palavras de baixo calão. O vocabulário é próximo ao vocabulário da classe média. Assim, o artista se aproxima do público alvo e tem uma maior identificação e reconhecimento por parte da mídia tradicional.

Verifica-se que a tentativa do músico é de dar suavidade ao seu discurso. Esta prática é conflitante ao que é tradicionalmente feito no rap, no qual os discursos costumam se construir pela agressividade e indignação com a situação social. Gabriel, o Pensador tem uma ideologia que busca uma pacificação do meio social para possibilitar a criação de um ambiente harmônico.

O fato de Gabriel Contino ser um homem caucasiano também não passa despercebido. Ao falar de racismo, o rapper usa um discurso externo. Como não sofreu com este tipo de discriminação, torna-se impossível para ele fazer um relato pessoal sobre este tipo de violência.

É um processo de eufemização do discurso que o torna mais palatável às classes sociais mais privilegiadas. O retrato cru da vivência nas periferias e favelas brasileiras é amenizado e a violência e agressividade das letras dá lugar a um conteúdo mais pacífico, fato que justifica a grande circulação que a letra alcança nos meios sociais.

Se o rap é tipicamente visto como um produto ligado à marginalidade, no discurso de Gabriel o Pensador, a suavização que ocorre altera os sentidos e camufla a agressividade. O discurso de protesto permanece, mas é envernizado por uma camada de ideologia da classe dominante que lhe permite maior circulação social.

Referências Bibliográficas

ALTHUSSER, L. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. Trad. J.J. Moura Ramos. Lisboa, Presença/Martins Fontes, 1974. (título original, 1970)

AUTIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido. Apresentação Marlene Teixeira; revisão técnica da tradução de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre, EDICPUCRS, 2004

BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. Trad. M. Lahud & Y. F. Vieira. 4. ed, São Paulo, Hucitec, 1988 (título original, 1929)

_____. Estética da criação verbal. São Paulo, Martins Fontes, 1992

BARBISAN, L. B. O conceito de enunciação em Benveniste e em Ducrot. Disponível em < <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11921>>, 2007

BENVENISTE, E. Problemas de linguística geral II. Trad. E. Guimarães et al. Campinas, Pontes, 1989. (título original, 1974)

BÍBLIA SAGRADA. Trad. De J. F. Almeida. São Paulo, Sociedade Bíblica do Brasil, 1998.

CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. Dicionário de análise do discurso. São Paulo, 2004

COSTA, Joaze Bernardino *et al.* Racismo Institucional e argumentos sobre cotas raciais. **Revista Eixo**, Brasília, v. 6, n. 2, p. 16-20, nov. 2017.

FAIRCLOUGH, N. Discurso e Mudança Social. (Coordenação da trad.) Izabel Magalhães. Brasília: UNB, 2001

FIORIN, J. L. Elementos de análise do discurso. 15. Ed, São Paulo, Contexto, 2016

_____. As astúcias da enunciação. São Paulo, Ática, 1996.

_____. Lições de texto: leitura e redação. 1. ed. São Paulo: Ática, 1996. v. 1.

_____. *Linguagem e ideologia*. 6. ed, São Paulo: Ática, 1998.

FLORES, Valdir do Nascimento & TEIXEIRA, Marlene. Introdução à Linguística da Enunciação. São Paulo, Contexto, 2005

- FOUCAULT, M. História da Sexualidade. A vontade de saber. São Paulo, Graal, 2009
- _____. A ordem do discurso. Trad. L. F. de A. Sampaio. 3 ed. São Paulo, Loyola, 1996
- _____. A arqueologia do saber. Trad. L. F. Baeta Neves. Petrópolis, Vozes, 1971
- GREIMAS, A. J. Semântica Estrutural. São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1973
- LEITÃO, Ana Paula B. *et al.* INTERFACES ENTRE TEORIAS DA COMUNICAÇÃO, TRADIÇÃO RETÓRICA E ANÁLISE DE DISCURSO. In: II INTERPROGRAMAS – XV SECOMUNICA COMUNICADORES E MUTAÇÕES: CENÁRIOS E OPORTUNIDADES, 2., 2016, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: Interprogramas Secomunica, 2016. p. 254-264. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/AIS/article/view/7863/4875>. Acesso em: 26 out. 2020.
- MAINGUENEAU. D. Análise do Discurso: a questão dos fundamentos. In: Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas, 1990.
- MALLORY, J. P.; Adams, D. Q. The Oxford Introduction to Proto-Indo-European and the Proto-Indo-European World. Oxford: University Press, 2006.
- MATTOSO-CÂMARA JR., J. História e Estrutura da língua portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- MELO, Iran Ferreira de. ANÁLISE DO DISCURSO E ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: desdobramentos e intersecções. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura Letra Magna. Ano 05, n.11, 2º semestre de 2009. [www.letramagna.com]
- MUSSALIN, F. Et al. INTRODUÇÃO À LINGUÍSTICA: domínios e fronteiras. Volumes 1 e 2. São paulo, Cortez Editora, 2001.
- ORLANDI, E. P. Análise de discurso. 12 ed. Campinas, Pontes, 2015
- _____. Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos. Campinas, Pontes, 2001
- _____. Análise de discurso: princípios & procedimentos. 8 ed. Campinas: Pontes. 2009.
- PÊCHEUX, M. O discurso: Estrutura ou acontecimento. Trad. E. Orlandi. 7 ed, Campinas, Pontes, 2015.
- _____. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. E. Orlandi. Campinas, UNICAMP, 1988

_____. A análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux. Tradutores Bethânia S. Mariani [et. Al]. 3 e. Campinas, UNICAMP, 1997

PENSADOR, GABRIEL O. Estudo Errado. Disponível em <<https://www.lettras.mus.br/gabriel-pensador/66375/>>

_____. Racismo é burrice. Disponível em <<https://www.lettras.mus.br/gabriel-pensador/72839/>>

_____. Até Quando. Disponível em <<https://www.lettras.mus.br/gabriel-pensador/30449/>>

POSSENTI, S. Discurso, estilo e subjetividade. 2. ed. São Paulo, Martins Fontes, 2001

_____. Teoria do Discurso: um caso de múltiplas escolhas. In: MUSSALIN, Fernanda & Bentes, Anna Christina (orgs). Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos, vol 3., São Paulo: Cortez, 2007.

ROBINS, R. H. Pequena história da Lingüística. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.

SAUSSURE, F. de. Curso de Linguística Geral. 2 ed. São Paulo, Cultrix, 2006

SILVA, Josué Cândido da. Filosofia da linguagem (1): da torre de Babel a Chomsky. Especial para a Página 3 Pedagogia & Comunicação (2007). Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/>>. Acesso em: 2 jul. 2020.

ANEXO

Até Quando

Não adianta olhar pro céu
Com muita fé e pouca luta
Levanta aí que você tem
Muito protesto pra fazer
E muita greve, você pode
E você deve, pode crer

Não adianta olhar pro chão
Virar a cara pra não ver
Se liga aí que te botaram numa cruz
E só porque Jesus sofreu
Não quer dizer que você tenha que sofrer

Até quando você vai ficar usando rédea?
Rindo da própria tragédia?
Até quando você vai ficar usando rédea?
Pobre, rico ou classe média?

Até quando você vai levar cascudo mudo?
Muda, muda essa postura
Até quando você vai ficando mudo?
Muda que o medo é um modo de fazer censura

Até quando você vai levando porrada, porrada?
Até quando vai ficar sem fazer nada?
Até quando você vai levando porrada, porrada?
Até quando você vai ser saco de pancada?

Até quando você vai levando porrada, porrada?
Até quando vai ficar sem fazer nada?
Até quando você vai levando porrada, porrada?
Até quando você vai ser saco de pancada?

Você tenta ser feliz, não vê que é deprimente
Seu filho sem escola, seu velho tá sem dente
Você tenta ser contente, não vê que é revoltante
Você tá sem emprego e sua filha tá gestante

Você se faz de surdo, não vê que é absurdo
Você que é inocente foi preso em flagrante
É tudo flagrante
É tudo flagrante

Até quando você vai levando porrada, porrada?
Até quando vai ficar sem fazer nada?
Até quando você vai levando porrada, porrada?
Até quando você vai ser saco de pancada?

Até quando você vai levando porrada, porrada?
Até quando vai ficar sem fazer nada?
Até quando você vai levando porrada, porrada?
Até quando você vai ser saco de pancada?

A polícia matou um estudante
Falou que era bandido, chamou de traficante
A justiça prendeu o pé-rapado
Soltou o deputado e absolveu os PM's de Vigário
Até quando você vai levando porrada, porrada?
Até quando vai ficar sem fazer nada?
Até quando você vai levando porrada, porrada?
Até quando você vai ser saco de pancada?
Até quando você vai levando porrada, porrada?
Até quando vai ficar sem fazer nada?
Até quando você vai levando porrada, porrada?
Até quando você vai ser saco de pancada?
A polícia só existe pra manter você na lei
Lei do silêncio, lei do mais fraco:
Ou aceita ser um saco de pancada ou vai pro saco
A programação existe pra manter você na frente
Na frente da TV, que é pra te entreter
Que pra você não ver que programado é você
Acordo, não tenho trabalho
Procuro trabalho, quero trabalhar
O cara me pede diploma
Num tenho diploma, não pude estudar
E querem que eu seja educado
Que eu ande arrumado que eu saiba falar
Aquilo que o mundo me pede não é mundo que me dá
Consigo emprego, começo o emprego
Me mato de tanto ralar
Acordo bem cedo, não tenho sossego
Nem tempo pra raciocinar
Não peço arrego, mas onde que eu chego
Se eu fico no mesmo lugar?
Brinquedo que o filho me pede
Num tenho dinheiro pra dar
Escola, esmola
Favela, cadeia
Sem terra, enterra
Sem renda, se renda
Não, não!
Até quando você vai levando porrada, porrada?
Até quando vai ficar sem fazer nada?
Até quando você vai levando porrada, porrada?
Até quando você vai ser saco de pancada?
Até quando você vai levando porrada, porrada?
Até quando vai ficar sem fazer nada?

Até quando você vai levando porrada, porrada?
Até quando você vai ser saco de pancada?

Muda que quando a gente muda
O mundo muda com a gente
A gente muda o mundo na mudança da mente
E quando a mente muda a gente anda pra frente
E quando a gente manda ninguém manda na gente

Na mudança de atitude
Não há mal que não se mude nem doença sem cura
Na mudança de postura a gente fica mais seguro
Na mudança do presente a gente molda o futuro

Até quando você vai levando porrada?
Até quando vai ficar sem fazer nada?
Até quando você vai ficar de saco de pancada?
Até quando você vai levando?

Racismo é Burrice

Salve, meus irmãos africanos
E lusitanos, do outro lado do oceano
O Atlântico é pequeno pra nos separar
Porque o sangue é mais forte que a água do mar

Racismo, preconceito e discriminação em geral
É uma burrice coletiva sem explicação
Afinal, que justificativa você me dá
Para um povo que precisa de união

Mas demonstra claramente
Infelizmente
Preconceitos mil
De naturezas diferentes

Mostrando que essa gente
Essa gente do Brasil é muito burra
E não enxerga um palmo à sua frente
Porque se fosse inteligente
Esse povo já teria agido de forma mais consciente

Eliminando da mente todo o preconceito
E não agindo com a burrice estampada no peito
A elite que devia dar um bom exemplo
É a primeira a demonstrar esse tipo de sentimento
Num complexo de superioridade infantil
Ou justificando um sistema de relação servil

E o povão vai como um bundão
Na onda do racismo e da discriminação

Não tem a união e não vê a solução da questão
Que por incrível que pareça, está em nossas mãos
Só precisamos de uma reformulação geral
Uma espécie de lavagem cerebral
Racismo é burrice!

Não seja um imbecil
Não seja um ignorante
Não se importe com a origem ou a cor do seu semelhante
O quê que importa se ele é nordestino e você não?
O quê que importa se ele é preto e você é branco

Aliás, branco no Brasil é difícil
Porque no Brasil somos todos mestiços
Se você discorda, então olhe para trás
Olhe a nossa história
Os nossos ancestrais

O Brasil colonial não era igual a Portugal
A raiz do meu país era multirracial
Tinha índio, branco, amarelo, preto
Nascemos da mistura, então por que o preconceito?

Barrigas cresceram
O tempo passou
Nasceram os brasileiros, cada um com a sua cor
Uns com a pele clara, outros mais escura
Mas todos viemos da mesma mistura

Então presta atenção nessa sua babaquice
Pois como eu já disse, racismo é burrice
Dê a ignorância um ponto final
Faça uma lavagem cerebral
Racismo é burrice!

Negro e nordestino constroem seu chão
Trabalhador da construção civil conhecido como peão
No Brasil, o mesmo negro que constrói o seu apartamento
Ou o que lava o chão de uma delegacia

É revistado e humilhado por um guarda nojento
Que ainda recebe o salário e o pão de cada dia
Graças ao negro, ao nordestino e todos nós
Pagamos homens que pensam que ser humilhado não dói

O preconceito é uma coisa sem sentido
Tire a burrice do peito e me dê ouvidos
Me responda se você discriminaria
O Juiz Lalau ou o PC Farias
Não, você não faria isso não
Você aprendeu que preto é ladrão

Muitos negros roubam, mas muitos são roubados
E cuidado com esse branco aí parado do seu lado
Porque se ele passa fome
Sabe como é
Ele rouba e mata um homem
Seja você ou seja o Pelé

Você e o Pelé morreriam igual
Então que morra o preconceito e viva a união racial
Quero ver essa música você aprender e fazer
A lavagem cerebral

Racismo é burrice!

O racismo é burrice mas o mais burro não é o racista
É o que pensa que o racismo não existe
O pior cego é o que não quer ver
E o racismo está dentro de você
Porque o racista na verdade é um tremendo babaca
Que assimila os preconceitos porque tem cabeça fraca

E desde sempre não para pra pensar
Nos conceitos que a sociedade insiste em lhe ensinar
E de pai pra filho o racismo passa
Em forma de piadas que teriam bem mais graça

Se não fossem o retrato da nossa ignorância
Transmitindo a discriminação desde a infância
E o que as crianças aprendem brincando
É nada mais nada menos do que a estupidez se propagando

Nenhum tipo de racismo, eu digo
Nenhum tipo de racismo se justifica
Ninguém explica
Precisamos da lavagem cerebral
Pra acabar com esse lixo que é uma herança cultural
Todo mundo que é racista não sabe a razão

Então eu digo meu irmão
Seja do povão ou da elite
Não participe
Pois como eu já disse, racismo é burrice
Como eu já disse, racismo é burrice
Racismo é burrice

E se você é mais um burro, não me leve a mal
É hora de fazer uma lavagem cerebral
Mas isso é compromisso seu
Eu nem vou me meter
Quem vai lavar a sua mente não sou eu
É você

Estudo Errado

- Atenção pra chamada! Aderbal?
- Presente!
- Aninha?
- Eu!
- Breno?
- Aqui!
- Carol?
- Presente!
- Douglas?
- Alô!
- Fernandinha?
- Tô aqui
- Geraldo?
- Eu!
- Itamarzinho?
- Faltou
- Juquinha?

Eu tô aqui pra quê?

Será que é pra aprender?

Ou será que é pra sentar, me acomodar e obedecer?

Tô tentando passar de ano pro meu pai não me bater

Sem recreio de saco cheio porque eu não fiz o dever

A professora já tá de marcação porque sempre me pega

Disfarçando, espiando, colando toda prova dos colegas

E ela esfrega na minha cara um zero bem redondo

E quando chega o boletim lá em casa eu me escondo

Eu quero jogar botão, vídeo-game, bola de gude

Mas meus pais só querem que eu vá pra aula! E estude!

Então dessa vez eu vou estudar até decorar cumpádi

Pra me dar bem e minha mãe deixar ficar acordado até mais tarde

Ou quem sabe aumentar minha mesada

Pra eu comprar mais revistinha (do Cascão?)

Não. De mulher pelada

A diversão é limitada e o meu pai não tem tempo pra nada

E a entrada no cinema é censurada (vai pra casa pirralhada!)

A rua é perigosa então eu vejo televisão

(Tá lá mais um corpo estendido no chão)

Na hora do jornal eu desligo porque eu nem sei nem o que é inflação

- Ué não te ensinaram?

- Não. A maioria das matérias que eles dão eu acho inútil

Em vão, pouco interessantes, eu fico pu

Tô cansado de estudar, de madrugar, que sacrilégio

(Vai pro colégio!)

Então eu fui relendo tudo até a prova começar
Voltei louco pra contar

Manhê! Tirei um dez na prova
Me dei bem, tirei um cem e eu quero ver quem me reprova
Decorei toda lição
Não errei nenhuma questão
Não aprendi nada de bom
Mas tirei dez (boa filhão!)

Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci
Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi
Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci
Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi

Decoreba: Esse é o método de ensino
Eles me tratam como ameba e assim eu não raciocino
Não aprendo as causas e consequências só decoro os fatos
Desse jeito até história fica chato
Mas os velhos me disseram que o porquê é o segredo
Então quando eu num entendo nada, eu levanto o dedo

Porque eu quero usar a mente pra ficar inteligente
Eu sei que ainda não sou gente grande, mas eu já sou gente
E sei que o estudo é uma coisa boa
O problema é que sem motivação a gente enjoa
O sistema bota um monte de abobrinha no programa

Mas pra aprender a ser um ingonorante
Ah, um ignorante, por mim eu nem saía da minha cama (ah, deixa eu dormir)
Eu gosto dos professores e eu preciso de um mestre
Mas eu prefiro que eles me ensinem alguma coisa que preste
- O que é corrupção? Pra que serve um deputado?
Não me diga que o Brasil foi descoberto por acaso!

Ou que a minhoca é hermafrodita
Ou sobre a tênia solitária
Não me faça decorar as capitânicas hereditárias!
Vamos fugir dessa jaula!
Hoje eu tô feliz (matou o presidente?)
Não. A aula

Matei a aula porque num dava
Eu não aguentava mais
E fui escutar o Pensador escondido dos meus pais
Mas se eles fossem da minha idade eles entenderiam
(Esse num é o valor que um aluno merecia!)
Ih, sujô (hein?)
O inspetor!

(Acabou a farra, já pra sala do coordenador!)
Achei que ia ser suspenso mas era só pra conversar
E me disseram que a escola era meu segundo lar

E é verdade, eu aprendo muita coisa realmente
Faço amigos, conheço gente, mas não quero estudar pra sempre!
Então eu vou passar de ano

Não tenho outra saída
Mas o ideal é que a escola me prepare pra vida
Discutindo e ensinando os problemas atuais
E não me dando as mesmas aulas que eles deram pros meus pais
Com matérias das quais eles não lembram mais nada
E quando eu tiro dez é sempre a mesma palhaçada

Manhê! Tirei um dez na prova
Me dei bem, tirei um cem e eu quero ver quem me reprova
Decorei toda lição
Não errei nenhuma questão
Não aprendi nada de bom
Mas tirei dez (boa filhão!)

Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci
Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi
Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci
Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi

Encarem as crianças com mais seriedade
Pois na escola é onde formamos nossa personalidade
Vocês tratam a educação como um negócio onde a ganância, a exploração, e a
indiferença são sócios
Quem devia lucrar só é prejudicado
Assim vocês vão criar uma geração de revoltados
Tá tudo errado e eu já tô de saco cheio
Agora me dá minha bola e deixa eu ir embora pro recreio
Juquinha você tá falando demais assim eu vou ter que lhe deixar sem recreio!
Mas é só a verdade professora!
Eu sei, mas colabora se não eu perco o meu emprego!